

INSTITUTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA DE GOIÁS- IFITEG
BACHARELADO EM FILOSOFIA

EVILÁSIO SOUZA DA SILVA

A VERDADE DA LOUCURA:
NA BUSCA PELA PRUDÊNCIA E SABEDORIA EM ERASMO DE ROTTERDAM

Goiânia 2022

EVILÁSIO SOUZA DA SILVA

A VERDADE DA LOUCURA:
NA BUSCA PELA PRUDÊNCIA E SABEDORIA EM ERASMO DE ROTTERDAM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Orientador: Pe. Mário Correia da Silva

Goiânia 2022

Dedico este trabalho primeiramente à Deus Supremo Bem. A minha mãe e, aos meus irmãos, que sempre me apoiaram em minha caminhada e, alguns – poucos – amigos(as) que o Senhor me concedeu encontrar na vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da vida e o chamado a viver esta vocação. Também por ter me dado a graça de chegar ao fim deste curso.

Agradeço a minha família por sempre me ajudarem e apoiarem em minhas decisões e, por serem aqueles aos quais sempre poderei contar. Agradeço também aos amigos que, se tornaram parte de minha família e que nos momentos difíceis da caminhada não me deixaram desanimar.

Agradeço o apoio de todos os colegas que de uma maneira ou de outra me ajudaram chegar ao fim deste curso.

Agradeço a Ordem Dos Frades Menores, nesta porção da Província Do Santíssimo Nome De Jesus Do Brasil, que me acolheram nesta jornada vocacional.

Também de maneira especial agradeço ao Pe. Mário Correia Da Silva, por ter me orientado na composição deste trabalho e, também um especial agradecimento a todo o corpo docente do IFITEG que me ajudaram a compreender um pouquinho do mundo filosófico e compreender a necessidade de uma mente aberta e mais reflexiva.

A Loucura é vizinha da mais cruel sensatez. Engulo a Loucura porque ela me alucina calmamente.
(Clarice Lispector)

RESUMO

Tomamos como base a obra: “Elogio Da Loucura”, obra em que, Erasmo De Rotterdam, utiliza da sátira literária para poder tecer críticas às estruturas eclesiásticas, à política vigente e ainda às diversas relações do homem. Para tal, utiliza de maneira metafórica a figura da Loucura, apontando como sendo uma deusa, a quem atribui este discurso. Sendo assim demonstra as duas vertentes, conceituando os graus desta Loucura, uma que tende ao aspecto de demência, de irreflexão, que se caracteriza e expressa-se como uma forma de furor para o que é mal, e por outro lado, o conceito de Loucura que tende ao aspecto de prudência, de experiência que leva ao aspecto da crítica e da verdade. Esta importante obra caracteriza-se por apresentar as deficiências, os erros cometidos pelas instituições e que, de uma maneira ou de outra prejudicavam e abdicavam o homem de sua dignidade. Nisso, a Loucura manifesta-se e revela a verdade de sua ação, conduzindo o homem a uma virtude de prudência, no sentido de ser dispensadora de uma sabedoria, que o resguarda do que é mal e aponta um caminho de reflexão.

Palavras-chave: Loucura; Verdade; Sabedoria; Prudência; Renascimento; Humanismo.

RESUMEN

Tomamos como base la obra: Elogio De La Locura, obra en la que Erasmo De Rotterdam utiliza la sátira literaria para poder criticar, las estructuras eclesiásticas, la política actual e incluso las diversas relaciones humanas. Para ello utiliza metafóricamente la figura de la Locura, señalando a una diosa, a quien atribuye este discurso. Así, apunta a los dos aspectos, conceptualizando los grados de esta Locura, uno que tiende al aspecto de demencia, de irreflexión, que se caracteriza y expresa como una forma de rabia por el mal, y por otro lado el concepto de la Locura que tiende al aspecto de la prudencia, de la experiencia que lleva al aspecto de la crítica y de la verdad. En esta obra se caracteriza por presentar las deficiencias, los errores cometidos por las instituciones y que de una o otra forma perjudicaron y abdicaron al hombre de su dignidad. Así, la Locura se manifiesta y revela la verdad de su acción, conduciendo al hombre a la virtud de la prudencia, en el sentido de ser dispensador de sabiduría, que lo protege del mal y le señala un camino de reflexión.

Palabras-chave: Locura; Verdad; Sabiduría; Prudencia; Renacimiento; Humanismo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 ERASMO E O HUMANISMO RENASCENTISTA.....	13
1.1 O CONCEITO DE LOUCURA EM ERASMO.....	17
1.2 A PERSONIFICAÇÃO DA LOUCURA NA SOCIEDADE RENASCENTISTA.....	20
1.2.1 As duas faces da loucura.....	23
2 A CRÍTICA SOCIAL E ACADÊMICA DA LOUCURA.....	27
2.1 A religião.....	29
2.1.2 A política.....	30
2.1.3 as diversas relações do homem.....	31
2.2 A FILOSOFIA E A TEOLOGIA.....	35
3 A VERDADE DA LOUCURA.....	38
3.1 A LOUCURA COMO PRINCÍPIO DE SABEDORIA.....	40
3.1.1 O caminho de prudência.....	43
3.1.2 Felicidade e liberdade na loucura.....	46
3.2 O LOUCO E A FELICIDADE CELESTE.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS.....	54

INTRODUÇÃO

Erasmus De Rotterdam, de família cristã, foi batizado de Desiderio Erasmo, nasceu em Rotterdam, na Holanda, em 1466. Era filho de um religioso (Sacerdote) e de uma mulher da burguesia, foi um exímio teólogo, também filólogo e, levando em consideração suas obras, especialmente o “Elogio Da Loucura”, pode se dizer ainda que foi um grande filósofo e humanista desta época. Seu maior interesse permeava em torno de uma singular reforma no seio da Igreja, à qual estava sujeita aos conflitos morais e não seguiam mais aquilo que lhe era pertinente. Erasmo foi sacerdote, da Ordem dos Cônegos Regulares de Santo Agostinho¹, mas, antes de morrer deixou o exercício sacerdotal e também o hábito religioso, pois seu pensamento e ação crítica não convinham com aqueles ideais pregados pela religião da época.

A questão em que Erasmo se propõe, vai muito além do âmbito religioso. Pois, vivia num contexto em que as práticas estabelecidas pelo período anterior (Idade Média), já não condiziam com aquilo que era essencial à vida do povo e de uma forma geral. Neste sentido, propor uma reflexão sobre a dignidade do homem e trazê-lo para a centralidade, seria motivo de um grande movimento diríamos “revolucionário”, pois desmitifica a concepção do Teocentrismo que era vigente.

Erasmus, fomentou o movimento conhecido por humanismo. Nomes ilustres aparecem neste contexto também, como por exemplo: Marsílio Ficino, Pico Della Mirandola, Michel De Montaigne, o próprio Thomas Mórus (grande amigo de Erasmo De Rotterdam) dentre tantos outros. Mas como lhe é atribuído o título de “Príncipe dos Humanistas”, é importante ressaltar que a sua dedicação em promover, através do discurso da Loucura, a dignidade do homem é motivo importante no qual ressoa a sua crítica². Possibilita ao homem refletir sobre os diversos acontecimentos que o cerca, e assim tomar uma postura coerente no que diz respeito ao seu papel na sociedade.

Ainda contextualizando essa característica fundamental de Erasmo, o humanismo, é importante ressaltar que para ele voltar a antiguidade greco-romana seria o ideal, pois servem de referência por se tratar de grandes clássicos. Isso seria sua grande proposta, para uma mudança radical, no contexto em que estava inserido.

¹ Ordem Religiosa inspirada na regra de Santo Agostinho na Igreja Católica.

² Entendamos crítica em todos os momentos que aparecerem no texto, como forma de manifestação àquilo que tende ao erro. No contexto Renascentista, de Erasmo de Rotterdam, como expressão da razão e manifestação do espírito humano.

Sendo assim, esta volta aos antigos³, possibilita uma reflexão para este período em que grandes transformações emergiam. Em toda a esfera “artística”, seja nos clássicos da literatura, nas obras de pinturas, e no próprio pensamento filosófico, tudo caracterizava esta ruptura com a Idade Média e o início de uma nova era, ou seja, como o próprio nome nos sugere, um Renascimento. Logo há de se pensar no renascimento cultural, social, político e religioso. Neste sentido, toda a crítica proporcionada pela Loucura, leva-nos a adentrar no contexto histórico e analisar as imputações feitas por Erasmo de Rotterdam.

Compreender a dimensão fundamental da verdade nesta obra, que não se trata de uma verdade metafísica como em outros filósofos, mas sobre a realidade mesmo, o cotidiano, incorre numa busca pela liberdade, pelo direito de questionamento, pois esta verdade no sentido de um fenômeno social, possibilita meios para a formação do juízo, para experiência da vida, que se dá cotidianamente. Deve-se levar em consideração que a verdade expressa na Loucura determina parâmetros aos quais colocam o indivíduo como alguém que transcende muitas vezes as realidades injustas, para alcançar um bem maior.

Neste sentido observar a importância de tal conceito, leva-nos a um questionamento: qual o critério da verdade estabelecido nesta obra? Deve-se observar que a verdade, em determinadas épocas, é constituída através de teses, de experiências, de caminhos de reflexão oriundos de uma investigação acerca de algo, sendo mais debatida na grande gama de pensamentos e reflexões filosóficas. Nisto, o caráter da verdade, em Erasmo, deve estar associado à capacidade racional, ou seja, a uma perspectiva que não foge aos parâmetros da realidade e que se configuram ao aspecto da sabedoria e, também ao caminho que se faz através da prudência para se chegar a uma determinada afirmação que seja válida.

A finalidade de se chegar a uma profunda reflexão se dá justamente pelo fato de que nem tudo que se é apresentado, realmente procede como tal. Por isso, nesta obra em questão vale notar o objetivo do autor em colocar isto em um grau elevadíssimo que chega a ser uma Loucura. “O Elogio Da Loucura”, deve ser entendido pela sua fonte primária que é a revelação da verdade e a busca pela felicidade celeste nos remetendo a uma filosofia cristã e ambas de forma explícita, e

³ A volta aos antigos caracteriza-se nesta obra de Erasmo, como o retorno aos clássicos e ao modo de vida que se fundamenta como sapiência e o conhecimento de si.

aqui entende-se como um caminho a ser percorrido para atingir tão elevada sapiência e tão excelente benefício.

Deve-se compreender a Loucura expressa na obra, como sendo uma crítica primeiramente à sociedade em todas as suas dimensões, sejam elas políticas, religiosas, nas relações sociais, enfim, em todo seu contexto onde o homem aparece inserido, e nesta inserção é capaz de agir, intervir e assim gerar mudanças. Tratando-se de uma época em que a experiência estava em alta, em que para se chegar a uma conclusão, muitos estudos deveriam ser feitos a respeito de um objeto, talvez colocar a vida como este palco, onde os indivíduos encenam, também seria uma forma de experimentá-la⁴, de analisar situações, lugares e práticas. Sendo assim, a lapidação para que o homem se conserve na perseverança dos bens eternos seria advertida pela prática da Loucura. Esta seria como guia, onde o ser humano se forma através dos embates diários e constroi-se livre a partir da descoberta de uma verdade mais universal e transcendente.

Por isso, caracterizada como um grau elevadíssimo, “O Elogio da Loucura” ressalta algo que é muito importante, seria como que compreender essa busca pela verdade em sua característica mais ampla, ou seja, uma desalienação⁵ das coisas que prendem, e não dão certeza alguma para a vida, mais especificamente o não alienamento frente às imposições, as demasiadas e questionáveis formas de absolutismos. O “louco” está sempre em busca de expressar-se, de trazer à tona a verdade, de ser livre, justamente porque direciona-se sempre para este caminho de prudência e sabedoria que é a Loucura.

Neste trabalho, buscaremos, no primeiro capítulo, introduzir a temática da Loucura no contexto do humanismo, mostrando através das críticas de Erasmo, tudo quanto não convinha para que o homem alcançasse a felicidade. Sendo assim, é importante contextualizar que o autor personifica a Loucura, para assim expor sua opinião. Pois, sendo de outra forma incorreria no perigo de ter sua obra censurada pela Igreja e, ainda ser excomungado, devido a grande maioria dos comentários serem em relação a moral da e seus abusos.

⁴ No que confere ao conceito de experiência, entendamos aqui como um processo objetivo de vivência na prática cotidiana. Pois, Erasmo buscava conscientizar sobre o ato de liberdade da criatividade e da ação do homem através da vontade.

⁵ Quando nos referimos a alienação, deve-se entender principalmente como o ato de liberdade do homem frente as imposições sociais da época, ou seja, não sujeitando-se a elas. Principalmente no que se refere aos poderes eclesiais, políticos e etc. Em alguns momentos também se compreende a alienação como estratégia de fugir do caos social para encontrar a paz e o equilíbrio.

Apresentamos ainda no segundo capítulo as vertentes da Loucura, para assim compreendermos que, a princípio, parece que a obra elogia os que procedem de forma errada, mas tudo se trata de uma ironia. A boa vertente da Loucura é a que Erasmo dirá se tratar de uma vivência da Filosofia de vida de Cristo e seus discípulos. Assim como é apresentada a crítica da Loucura em todas as esferas sociais, uma comédia de sátiras.

No terceiro capítulo, abrangeremos de forma mais específica sobre o conceito da verdade revelada pela Loucura. Também, como este percurso que a pessoa faz em vista de uma sabedoria de vida sapiencial, pautada pela liberdade e a prudência. Por fim, o ápice que é o louco e a felicidade celeste, isto como sendo o maior prêmio alcançado pelos iniciados na vivência da Loucura.

“O Elogio Da Loucura” é uma obra de um caráter altamente relevante, pois, quando mergulhamos na sua leitura, descobrimos características fundamentais de uma obra de cunho intertemporal, ou seja, que situa e explica características relevantes do seu contexto pós-medieval. A Loucura tomando, uma personificação e de maneira satírica, garante uma reflexão irônica da realidade e conduz às mudanças pertinentes nas estruturas sociais. Por que usar de um elemento que conceitualmente não tem tanta credibilidade para a sociedade? Como Erasmo consegue abranger os diversos polos sociais com esta obra? É importante ressaltar a dimensão em que “O Elogio Da Loucura” consegue captar as irregularidades e trazê-las ao campo de reflexão. E assim nos perguntamos. Que experiência seria possível fazer por meio da Loucura? Arriscar-se ou não? Preferir a inércia ou ir em busca de elementos que denunciem a falta de dignidade humana? Nesta obra, todos estes pontos se fazem necessários para que a personificação da Loucura nos conduza a uma verdade que se pauta na experiência da vida e, assim, gera um saber adquirido pela prudência.

1 ERASMO E O HUMANISMO RENASCENTISTA

“A Loucura às vezes chega quando se é tragado pela perda; é cegueira lúcida que despedaça a alma.”

(Najla Assy)⁶

O período da filosofia caracterizado por Idade Média, e que antecede o Renascimento, configura uma vasta compreensão acerca do que vem a ser o teocentrismo e todos os pensamentos recorrentes a filosofia desta época. Observando um ponto importante, em que Deus era o centro e o homem ficava como que a parte no que diz respeito as investigações filosóficas. Com o passar do tempo e, ainda, com as mudanças necessárias advindas da passagem deste período, em que a Igreja se destacava em sua corrente de pensadores, novas questões emergem. Existe uma necessidade de olhar para o homem, em toda as suas dimensões, e assim colocá-lo como centro das questões filosóficas.

Nisto, a passagem da era medieval para o Renascimento caracteriza uma nova estrutura de se pensar a sociedade como um todo, ou seja, traduz-se por uma relação dialética em que os pensamentos e as questões de ambos os períodos se encontram em um embate. Nisso Erasmo de Rotterdam propõe com sua obra um novo discurso acerca das questões sociais, ou ainda demonstra mudanças em todo o campo das artes, da filosofia, da religião, da política e etc. A renascença surge com um intuito de fazer do conhecimento algo que venha através da experimentação⁷. Por isso, tantos nomes se destacam por meio das artes, esculturas, literaturas, obras filosóficas, tudo trazendo um novo sentido, ou melhor, refazendo uma análise dos clássicos e atribuindo-lhe um valor diferente na modernidade.

O Renascimento teve seu surgimento na Itália no decorrer do século XIV e prolongou-se até o século XVII, se difundindo por toda a Europa. Com isso, muitos pensadores fizeram a volta ao pensamento dos filósofos antigos, aos clássicos, pois não concordavam com as interpretações e modelos políticos e religiosos herdadas pelo período Medieval. A renascença é a passagem para a modernidade, para o surgimento do novo, porém levando em consideração o interesse dos modernos pela

⁶ Esta epígrafe é encontrada no livro “O Mendigo Que Sabia De Cor Os Adágios De Erasmo De Rotterdam”, de Evandro Affonso Ferreira. Retrata uma literatura em que os pensamentos de Erasmo de Rotterdam conduzem o personagem principal em sua jornada. Como não foi possível localizar o escrito em sua origem cito esta fonte onde é possível encontrá-la.

⁷ A experimentação entendida como prática, caracterizada pelo movimento do cientificismo.

tradição antiga, por sua cultura, ou seja, pelos clássicos, fazendo emergir no Renascimento uma nova identidade e estrutura de pensamento baseada pela tradição. Neste sentido:

A idade Média foi uma época de grande civilização, percorrida por fermentos e frêmitos de vários gêneros quase que desconhecidos aos historiadores. Portanto, o “Renascimento” que constituiu a peculiaridade da renascença foi mais o nascimento de outra civilização, de outra cultura: a renascença representou grandioso fenômeno de “regeneração” e de “reforma” espiritual, em que a volta aos antigos significou revivescência das origens, “retorno aos princípios autênticos”, e a imitação dos antigos revelou-se como o caminho mais eficaz para recriar e regenerar a si mesmos (REALE, 2005, p. 9).

Um ponto importante para a fundamentação do Renascimento está em sua habilitação da razão. Havia, como fator relevante, a possibilidade de questionamento da realidade que se apresentava. Sendo este período em que foi prezado o antropocentrismo, o humano que tende a racionalidade lida com as questões da vida, devido a capacidade que lhe foi outorgada, e isso o aproxima da divindade. Logo tal característica do Renascimento está intimamente ligada a outra vertente deste período, aqui coloca-se em destaque o Humanismo, “que privilegia as ações do homem, ou seja, aparece como uma consequência para que o indivíduo retome seu lugar buscando a inspiração na antiguidade” [Tradução nossa] (GARCÍA, 2014, p. 5).

Observando este período, é possível identificar uma corrente de pensamento em que muitos filósofos trouxeram uma nova perspectiva ao campo do conhecimento, quando abordam questões éticas que envolvem a realidade humana demonstrando as aspirações e o desenvolvimento das capacidades humanas e, isso relacionado a racionalidade. A princípio, trazendo a pessoa de Erasmo, que foi grande precursor nesta questão relacionada à dignidade do homem e, que ainda abordou o verdadeiro sentido religioso, pois fazia sua crítica à filosofia aristotelista empregada na igreja, e repleta de complexidades. Ainda tantos outros feitos que o deu grande destaque, como, por exemplo, sua contribuição para a educação e formação da criança. Este destaque, se dá principalmente quando demonstrou através da obra “Elogio da Loucura” as falhas por parte das estruturas eclesiais, políticas e filosóficas. Ainda se pode elencar alguns nomes como: Michel de Montaigne, Nicolau de Cusa, Marsílio Ficino, Thomas Morus, Nicolau Maquiavel.

Abrindo um parêntese, ainda um personagem importante é Martinho Lutero, grande protagonista deste período que, contribuiu para o pensamento renascentista,

pois suas obras ressoam de maneira peculiar no estudo filosófico, teológico e, com grande relevância, contribuiu para o desenvolvimento da educação. Este grande autor, assim como Erasmo, remonta aos grandes clássicos a importância para o progresso no Renascimento. Sendo assim, para Reale, “Lutero retoma e leva às últimas consequências o grande princípio do ‘retorno às origens’, ou seja, do retorno às fontes e aos princípios, que os humanistas haviam procurado realizar pelo retorno aos clássicos” (REALE, 2005, p. 71).

Muitas questões são postas em relevância, seja em se tratando de assuntos religiosos, filosóficos, políticos e sociais em geral, pois há exemplos de pensadores que acreditavam e seguiam a tradição religiosa e aqueles que não concordavam com tudo aquilo que era de mentalidade advinda da Idade Média e reforçadas pela tradição escolástica. Por isso, no Renascimento, o olhar é voltado para o homem e para aquilo que o circunda, como diz García:

Durante o Renascimento, havia dois temas importantes dentro da filosofia, um deles era o estudo do homem, do indivíduo, e o outro era o estudo do universo, do cosmo. O tema de estudo da natureza havia permanecido durante vários séculos esquecido, renegado a um segundo plano, mas é graças ao esforço dos humanistas que o interesse por compreender o mundo que rodeia ao homem volta a ter um grande interesse [Tradução nossa] (GARCÍA, 2014, p. 7).

O Renascimento está unido ao Humanismo, pois se sustentam e se fundamentam nas ideias centrais que ocorreram neste período, na Renascença encontra-se o fundamento filosófico e o Humanismo surgido da nova compreensão literária⁸ que tem aí sua natureza creditada. Sendo assim, “o Humanismo e a Renascença são duas faces de um único fenômeno” (REALE, 2005, p. 12).

Dentre tantos nomes de destaque, como se pode ver neste período, um destes sobressai de forma tão brilhante e eloquente, que por tamanho reconhecimento e prestígio, torna-se “o Príncipe dos Humanistas”. Erasmo de Rotterdam (1466-1536), foi grande exemplo de defesa da dignidade humana, de notar a centralidade do indivíduo, e também por levantar questões fundamentais para todo âmbito social

⁸ Podemos aqui pensar na relação entre filosofia e literatura, pois foi através de ambas que Erasmo constituiu a sua obra. “Desde Platão até os dias atuais pensa-se na literatura como sendo um processo de mimesis em que o autor destas obras conta as tragédias, e cabe a filosofia reconstituir estes fatos de uma forma normativa, porém imanente e constituindo a historicidade.” (GARCÍA, Douglas, FEIRA DE SANTANA-BA| Revista Sísifo | nº 3 | vol. 1 | Ano 2016). Observa-se ainda que desde as origens a Filosofia começou a sua investigação sobre a constituição do mundo, a partir da mitologia e de maneira peculiar com as obras *Ilíada* e *Odisseia* que são literaturas.

daquela época. Ele desenvolveu obras de grande valia para a educação, para a política, para a religião, mas, destaca-se a obra “Elogio da Loucura” de 1511, que traz uma relevante crítica a toda a sociedade. Como se sabe, adepto da literatura, Erasmo usa de tal ferramenta para desenvolver a sua crítica. O Humanismo, propagado por Erasmo no período Renascentista, retrata toda perspectiva moderna de colocar o ser humano no centro da visão cosmológica.

Erasmo, ao mostrar em sua obra traços de uma sociedade que estava em decadência, uma religião que fugia aos seus preceitos centrais e fundantes, pauta-se pelo conhecimento que tinha a respeito da dimensão de cada um destes âmbitos. Como sabemos, Erasmo foi sacerdote agostiniano, tinha conhecimento de toda a estrutura eclesiástica da época, pôde estar próximo de grandes prelados, de bispos, papa e de toda a hierarquia que compunha a igreja. Tendo em vista esta perspectiva humanista, a mudança parte justamente porque, “uma das principais consequências de que surge as fontes do humanismo é a evolução social e ideológica que se deu na Europa como consequência da luta dos princípios com a igreja católica e com a religião em geral” [Tradução nossa] (GARCÍA, 2014, p. 11). Nisso, a ideia de mudança neste sentido religioso se dá justamente por que a tradição cristã se desviava da sua originalidade, pois “a grande reforma religiosa se resume em sacudir dos ombros tudo aquilo que o poder eclesiástico e as disputas dos escolásticos acrescentaram à simplicidade das verdades evangélicas, confundindo-as e complicando-as” (REALE, 2005, p. 68).

Inserido dentro desta perspectiva humanista, Erasmo fez deste movimento uma maneira de questionar assim como Lutero na “Reforma Protestante”, porém, com um olhar voltado a conservar a unidade. O seu pensamento humanista, inserido neste contexto renascentista, resguarda aquilo que seria essencial para a continuidade da religiosidade e de todas as práticas sociais, onde tudo deveria ser passado pelo crivo da verdade, analisada e experimentada na Loucura. Tudo seria observado pelo viés que conduz ao que é bom e não o aspecto mau da Loucura, no sentido de ser irracional, de incapacidade, que é o outro lado da sátira.

Nisto, o elemento do riso⁹ na obra retrata de maneira a ressaltar a importância do poder dizer a verdade, ainda que por trás da ironia, daquilo que é cômico. Basta

⁹ Rompe com as estruturas enrijecidas, torna-se a maneira pela qual se desconstrói certos elementos do cotidiano assim: “O riso deve corresponder a certas exigências da vida comum. O riso deve ter uma significação social. O riso deverá ser uma espécie de gesto social.” (BERGSON, 2004, p. 6).

uma dinâmica de observar os personagens conhecidos como “bobos da corte”, que se notará como que eles faziam seus espetáculos e lançavam verdades através desta estratégia. Assim, Erasmo também se apropriou deste instrumento que se fundamenta em determinadas épocas, trazendo um duplo sentido que é a alegria do prazer, das boas vicissitudes da vida e também como forma de ironizar e tecer uma reflexão sobre determinados assuntos pois “que é que poderia proibir dizer-se a verdade rindo?” (RÓNAI, 1985, p. 876). Neste sentido é que se observa, que o traço principal da Loucura, se expressa na característica do riso, do sarcasmo, aquilo que em si se tornou tão importante na sátira.

1.1 O CONCEITO DE LOUCURA EM ERASMO

A compreensão de muitos contemporâneos sobre a Loucura parte do princípio do significado que foi-se tomando com o passar do tempo sobre este tema. Atualmente, nos deparamos com um ponto de vista em que a Loucura tende apenas para o sentido irracional, para o aspecto da demência ou da incapacidade do indivíduo de exercer seus direitos, e um destes que é fundamental, é o de falar, ou seja, a capacidade dialogal para questionar aquilo que não está de acordo na sociedade. Nesta obra, “O Elogio Da Loucura”, Erasmo dá a possibilidade da Loucura se expressar em detrimento aos fatores sociais e a realidade humana nestes contextos.

A Loucura que nos referimos, trata-se daquela entendida como encontrado no dicionário de Filosofia remetendo ao que Platão designava como uma boa Loucura, que é observada “como inspiração ou dom divino; que se caracteriza como amor à vida e tendência a vivê-la em sua simplicidade” (ABBAGNANO, 1999, p. 631). Daí pode-se observar uma relação ainda mais intrínseca de Erasmo com o pensamento clássico antigo.

O que move o aspecto do louco, em contraposição às imposições, às realidades que estão sujeitas ao erro ou mesmo as denúncias cotidianas que este expressa para todas as questões que lhe são absurdas, chegaremos a um ponto importante que é a paixão. Sendo assim esta figura absorve para si em um ímpeto de racionalidade e faz o seu questionamento. Pois, se observarmos, o louco tende a ser aquele que vai contra as tendências da maioria, o que tem um argumento contrário a opinião da massa.

Quando a Loucura tende a se expressar, devemos levar em consideração que algo de proveitoso está ali sendo posto, e não desconsiderar tudo o que é proposto ou ainda dar descrédito colocando tudo como irracional, pois: “se entendermos a loucura como a perda das capacidades racionais ou falência do controle voluntário sobre as paixões, uma nova história da loucura deveria começar, praticamente, com a história da espécie humana” (FURTADO, 2013, p. 9). Nisto, se apresenta como que um fundamento para que, o louco tenha vez em sua fala, pois esta pode trazer uma verdade diferente daquela que muitas vezes é a opinião da maioria.

A ideia de um conceito da Loucura, em Erasmo, deve ater-se primeiramente ao que foi dito, não é o fruto da incapacidade racional, nem mesmo a tolice que coloca o indivíduo numa posição débil, e que em sua expressão nada de proveitoso tenha fundamento¹⁰. Ao observarmos o real significado do conceito da Loucura, esta expressão se fundamenta justamente na crítica satírica que o louco faz da realidade. Quando se fala em louco podemos ainda trazer para junto deste conceito, as figuras do bobo, ou do tolo, que fazia espetáculos, que animava desde a antiguidade o povo. E, nesta concepção, algo de muito importante era explicitado, pois este usava deste artifício para falar a verdade, para levantar questionamentos. A Loucura então toma uma forma de razão, não desmedida, mas cautelosa e sincera, pois:

A fala da deusa da Loucura procura ser objetiva, fiel e sem distorções. Em lugar de fugir da realidade, procura apontar suas falhas como forma de estimular a mudança nas instituições e dos comportamentos humanos percebíveis a falhas, para que pudesse encarar os problemas e não fugir” (FURTADO, 2013, p. 15).

Vamos nos aproximando do conceito proposto pelo pensamento erasmiano, do que vem a ser esta Loucura. Está inserida numa questão muito arbitrária que é o uso da razão. Erasmo, como se sabe era grande amante da literatura, e de maneira muito peculiar, a literatura empregada nesta obra, e de modo específico no que diz respeito ao sentido da Loucura, a sátira, como já mencionado anteriormente. Foucault, descreve esta ação literária em relação à Loucura, e demonstra o entrosamento entre a razão e a verdade expressa na Loucura:

¹⁰ Podemos pensar este aspecto como sendo aquele trabalhado pela psiquiatria. Logo, neste período não é a isso que Erasmo se refere, mesmo que no Renascimento já estava em grande ascensão o tema da loucura, o surgimento de manicômios e etc.

Igualmente na literatura erudita a Loucura está em ação, no âmago mesmo da razão e da verdade. É ela que embarca indiferentemente todos os homens em sua nau insensata e os destina à vocação de uma odisseia comum; [...] ela é objeto de discursos, ela mesma sustenta discursos sobre si mesma; é denunciada, ela se defende, reivindica para si mesma o estar mais próxima da felicidade e da verdade que a razão, de estar mais próxima da razão que a própria razão (FOUCAULT, 1972, p. 15).¹¹

O conceito surge então da maneira de expressão da verdade, permeada por esta centelha da Loucura, pois “haverá coisa mais louvável do que a verdade?” (ERASMO, 1972, p. 63). Neste sentido, a percepção primordial de se ater aqui, é justamente a Loucura como um mecanismo capaz de exprimir aquilo que é essencial. Ela está diretamente ligada a verdade, pois é nela que se manifesta o uso racional de sua fala. Independente das consequências, o conceito da Loucura está expresso na manifestação da razão em vista das ações que venham a ser contraditórias.

A loucura erasmiana rasga os véus e faz ver a comédia da vida e os verdadeiros rostos dos que se escondem sob as máscaras; mas, ao mesmo tempo, faz compreender o sentido da cena, das máscaras e dos atores, e procura de alguma forma fazer aceitar todas as coisas como são. E, assim, a “Loucura” erasmiana é reveladora de verdades (REALE, 2018, p. 67).

Por isso, o conceito de Loucura é algo muito intrínseco com a verdade. Também com a capacidade do indivíduo de colocar-se em prontidão em relação aos diversos assuntos que permeiam a vivência em sociedade, e quando não correspondem à realidade, este como que na atitude do bobo, do simplório, deve buscar na razão a verdade que convém ao questionamento, e isso assumindo a consequência de ser tido como louco. Por isso, a Loucura à qual Erasmo propõe, é a que deve ser compreendida como algo que traz transparência. Ela retira toda falsidade, tudo aquilo que os poderosos usam para esconder-se das responsabilidades que lhes cabem, ou mesmo aqueles que tornam-se sábios, porém não administram bem tão preciosa virtude. Sendo assim, incorrem no erro de não viverem de maneira plena a sua vida e, em alguns casos também manipular os ignorantes. Impõe-lhes situações as quais eles mesmos não seriam capazes de lidarem ou de viverem de forma profunda.

¹¹ A referência mencionada remete a obra “História Da Loucura Na Idade Clássica”, nesta o autor Michel Foucault, retrata de maneira histórica o percurso tomado pelo conceito de Loucura em determinadas épocas. Neste caso em questão, relata o período em que Erasmo De Rotterdam escreveu a obra “O Elogio Da Loucura”, trata-se de uma obra de cunho literário e que alude ao caráter de Loucura em um período marcado pelo desenvolvimento da razão. E fundamenta-se como uma verdade que justifica a ação do homem em relação as questões de sua vivência social.

1.2 A PERSONIFICAÇÃO DA LOUCURA NA SOCIEDADE RENASCENTISTA

A obra “Elogio da Loucura” foi caracterizada pelo seu cunho crítico. Traz uma visão geral de uma sociedade em que as várias estruturas sociais não convinham com o seu papel para garantir ao homem os mecanismos necessários para pautarem a vivência social. É de pensar que nesta época, os que tinham alguma opinião contrária ao que vivia principalmente a Igreja, ou ainda que denunciasses suas estruturas quando não estavam de acordo com a procedência que deveria ser seguida, seriam tidos como hereges. Nesse contexto, as obras em nada repercutiriam, pois seriam censuradas. Um dado importante é que esta obra foi escrita em 1509 e ficou guardada até 1511, pois por se tratar de uma obra que trazia críticas as estruturas eclesiais, correria o risco de ser totalmente perdida. Talvez a demora de alguns anos para sua publicação, fosse uma estratégia para que assim a emergência da crítica da Loucura fosse resguardada e atingisse sua finalidade.

Erasmus, como se pode ver, não reduz a crítica apenas ao âmbito Eclesiástico. Com isso provavelmente tenha para si atenções que não concordem com aquilo que diz através da Loucura, e para quiçá reverter esta situação, ou melhor, deixar sua obra “viva” e atuante, não se coloca como protagonista, sendo assim:

Erasmus usa a estratégia de criar a deusa Loucura e intitula o primeiro capítulo, “E a Loucura fala”, foi esse o encontrado para escapar da inquisição ou ser chamado de herege, do que foi acusado depois de sua morte, e seu livro lançado na fogueira do índice dos livros proibidos pela igreja católica [...] (FURTADO, 2013, p. 10).

Observando como Erasmus usa desta personificação da Loucura¹², nos deparamos com algo fundamental que é a questão da mitologia contida na manifestação desta verdade tão elevada. Traçando um paralelo entre a questão mitológica na filosofia e a crítica satírica da Loucura, nos defrontamos neste contexto

¹² Pesquisando sobre a questão da mitologia, Manias é essa personificação, este ser que representa a Loucura. Esta é uma divindade feminina, que segundo a mitologia, era enviada aqueles que não praticavam os ritos para perturbar-lhe o espírito. Este deve ser o porquê de Erasmus atribuir a sua obra a figura da mulher. E também em homenagem a seu amigo Mórus que tem o sobrenome parecido ao da divindade, e a quem ele dedica o escrito.

em que sua constituição se fundamenta através da junção das diversas apresentações de figuras, ou melhor, de deuses mitológicos.

A imagem deste ser metafórico, a Loucura, primeiramente revela que sua aparição refletisse algo que é bom. Justifica-se apresentando deuses que em questão seriam desprovidos de tudo aquilo que gera, ou que dispensasse um sentimento de felicidade no homem e em virtude de outros deuses, sendo assim estes não seriam seus pais, ou enfim, não é destes que procede a Loucura. Neste sentido, não se fundamenta a partir da desordem ou ainda daquilo que é mal, pois, “para dizer a verdade, não nasci nem do Caos, nem de nenhum desses deuses rançosos e caducos” (ERASMO, 1972, p. 18). Nisto já se observa traços de uma figura, que terá por objetivo trazer para a humanidade, aquilo que é essencial, que retira as tristezas e inconveniências da vida e possibilita uma nova forma de lidar com as questões de sua existência.

Visto que se trata de uma obra escrita no período Renascentista e em que estava em voga o movimento Humanista, nesta obra, a Loucura caracteriza-se por elevar a condição humana, atribuindo-lhe os bens necessários à sua subsistência. Pois, o “Príncipe dos Humanistas”, quando fala da Loucura nos dá uma conotação de uma divindade que propícia ao indivíduo a capacidade de suspensão de tudo o que lhe é pesado. A Loucura, ao conceder benefícios, lança este homem à um modelo de lugar, onde tudo é perfeito, no qual as fadigas de cada dia não são mais impostas sobre os indivíduos. A Loucura propícia como que uma iluminação das trevas do erro, e ainda preza por aquilo que é agradável, pois ela dirá:

Nasci nas ilhas fortunadas, onde a natureza não tem necessidade alguma da arte. Não se sabe, ali, o que sejam o trabalho, a velhice, as doenças; nunca se vêem, nos campos, nem asfódelo, nem malva, nem lilá, nem lúpulo, nem fava, nem outros semelhantes e desprezíveis vegetais. [...]Nascida no meio de tantas delícias, não saudei a luz com o pranto, como quase todos os homens: mas quando fui parida, comecei a rir gostosamente na cara de minha mãe (ERASMO, 1972, p. 19-20).

Neste sentido, nota-se, uma vez que a Loucura surge desta alegoria que em suma é perfeita. Tende a elevar a esta mesma perfeição todos aqueles que, de um modo ou de outro, aderem aos seus favorecimentos. Aqui é apresentado os seus benefícios, o lugar em questão que surgira, que são as Ilhas Fortunadas (na mitologia seria o lugar abençoado onde os heróis e as almas beneficiadas eram recebidas após a morte, sendo os deuses a recepcioná-las). Agora apresentamos o “pai”, aquele que

concedeu e potencializou à Loucura inúmeros bens e a deu aos homens como dispensadora destas dádivas. A Loucura nos fala: “é Plutão, deus das riquezas, o meu pai [...]” (ERASMO, 1972, p. 18).

Quando imersos no sentido de levar em consideração a representação da Loucura, é necessário ater-se ao modo que esta traz consigo algo que está além dos prazeres, dos bens. Ao contrário, limitaria ao extremo o seu “nascimento”, apenas às questões de luxos, de devaneios da realidade ou das conquistas de posses. Algo profundo emerge da figura da Loucura, na realidade, o desejo da Loucura, está na capacidade do homem de buscar aquilo que está fora de posição, de ter coragem e audácia para realizar isto. O seu aparecimento está bem distante, a Loucura perpassa períodos, porém quando se nota na passagem do medievo para o Renascimento têm-se como uma “explosão” do sentido da Loucura, ou seja, todas as questões que envolvem o homem neste movimento humanístico são tomadas como oportunidade da Loucura se expressar, pois:

Sua origem, sem dúvida, é bem remota. Mas ao final da Idade Média, ela assume uma superfície considerável: longa série de “loucuras” que, estigmatizando como no passado vícios e defeitos, aproximam-nos todos não mais do orgulho, não mais da falta de caridade, não mais do esquecimento das virtudes cristãs, mas de uma espécie de grande desatino pelo qual, ao certo, ninguém é exatamente culpável, mas que arrasta a todos numa complacência secreta (FOUCAULT, 1972, p. 14).

A representação da Loucura, tem como base fundamental ainda as coisas que são essenciais para a instituição de uma sociedade, ou seja, para explicar a constituição das relações sociais. Várias são as questões implícitas no surgimento da Loucura, trata-se de algo que não é irrefletido, que não se caracteriza como tolice ou demência. Neste sentido, para amparar toda experiência de vida do homem, deve-se levar em consideração que muitas vezes nem tudo é bom, nem tudo tem seu decorrer da forma como cada indivíduo planeja. Porém quando algo não está de acordo com a realidade do homem, mas este não é capaz de mudar, a Loucura assume seu papel e se relaciona com a vida proporcionando uma experiência de dissipação daquilo que é mau.

Outro fator ainda está inserido nesta realidade: é a verdade que surge com a Loucura. Neste sentido, para reforçar o caráter da vivência social pautada por Ela, Erasmo dirá que, o que mantém as relações é a semente da Loucura, e este ponto é fundamental no seu aparecimento. Em sua obra, Erasmo nos fala desta qualidade:

Nenhuma sociedade, nenhuma união grata e durável poderia existir na vida, sem a minha intervenção: o povo não suportaria por muito tempo o príncipe, nem o patrão o servo, nem a patroa a criada, nem o professor o aluno, nem o amigo o amigo, nem o marido a mulher, nem o hospedeiro o hóspede, nem o senhorio o inquilino, etc., se não se enganassem reciprocamente, não se adulassem, não fossem prudentemente cúmplices, temperando tudo com um grãozinho de loucura (ERASMO, 1972, p. 37).

Nisto, o que culmina a simbologia da Loucura, na obra de Erasmo, além do seu benefício de despenseira de bens e atenta as necessidades da vida humana, ainda se fundamenta pela necessidade de sua presença na sociedade. Assim coloca as pessoas como que num mesmo parâmetro, ou seja, conduz a viverem de forma que ninguém sobressaia ao outro e, se suportem na medida em que nas relações surja algo demasiado incômodo para outrem. A Loucura surge como que a verdade acompanhada pelos atributos necessários para a vida em sociedade.

Com isso, ao observar nesta prefiguração da Loucura, pode-se dizer que “foi uma brilhante ideia de criar o Elogio Da Loucura para diminuir a desumanidade que imperava e que impera ainda hoje, pois como sabemos todo o conhecimento e poder era e é destinado aos homens de ciência e religião” (FURTADO, 2013, p. 14). Por isso, a crítica que a Loucura faz, reflete e reforça a ideia humanista presente no período do Renascimento. Reafirma e traz para a centralidade das questões sociais, políticas e filosóficas, o homem.

1.2.1 As duas faces da loucura

Para se ter uma compreensão sobre o real significado da Loucura, ou seja, aquela à qual Erasmo se propõe a destacar na obra, deve-se levar em consideração, que a Loucura atinge vários graus. Destes graus procedem tudo aquilo que é mau, assim dizendo, o que numa visão de sociedade causa danos, vai contra os princípios de liberdade e dignidade do homem. Assim como a vertente para a qual traz em si, o significado de verdade, aquela pela qual o indivíduo obtém um caminho de prudência que o conduz à sabedoria e a liberdade de vontade.

Em alguns momentos anteriores, pontuamos que a Loucura erasmiana não parte de uma ideia de demência, de tolice ou da incapacidade mental de ação frente aos desafios da vida. Se analisarmos até mesmo a Loucura que tende para as guerras, para irreflexão, a que é usada como dominação, tem um fundo que se pauta

numa necessidade de agir com a razão, porém esta é motivada pelas paixões que são contrárias ao exercício da sabedoria. Pois, até mesmo este outro lado da Loucura que é boa e defendida na obra, tende as paixões, mas num sentido de arriscar-se para daí resultar uma ação positiva. Vejamos o que diz a Loucura, nesta obra, em relação ao que é contrário, ou seja, sobre aquilo que tende, poderíamos dizer, para uma certa volúpia (prazeres exacerbados e maus). Ou ainda uma desordem nos sentidos, uma irreflexão:

Há, portanto, duas espécies de furor. Um vem do fundo do inferno, e são as fúrias que o mandam para a terra. Essas atrozes e vingativas divindades tiraram da cabeça uma porção de serpentes e atiram suas escamas sobre os homens quando querem divertir-se em atormentá-los. Têm nisso as suas origens o furor da guerra, o parricídio, o incesto, o sacrilégio, o peso de consciência e todos os outros flagelos semelhantes de que se servem as fúrias para dar aos mortais uma amostra dos suplícios eternos (ERASMO, 1972, p. 66-67).

Nisto observa-se a potencialidade da Loucura mesmo tendendo para aquilo que é mau, por isso, é necessário sempre ater-se para o seu aspecto positivo. Outro ponto interessante, que se pode observar neste trecho é que, voltando um pouco, como vimos, a Loucura se intitula como deusa, e é esta deusa que dispensa aquilo que é bom, aquilo que dá ao homem a possibilidade de reflexão. E aqui outras influências de divindades levam esta vertente da Loucura para a irreflexão. É algo fundamental, para a distinção do que é bom e daquilo que não está de acordo com a observação dada pela, digamos, perspectiva boa da Loucura.

Como podemos observar, o autor faz um caminho colocando vários graus desta loucura, justamente para poder conduzir o leitor a esta direção da Loucura que é boa, que conduz a reflexão do sentido da vida. A partir daí, se faz uma distinção daquilo que pode ser compreendido como forma de tolice, como algo que é estúpido e que não causa nenhuma transformação em relação ao ambiente, ou mesmo que não gera nenhuma reflexão, o que pode ocasionar em danos para o homem. Neste caso em questão, trata-se daquela Loucura que tende para aquilo que é mal no homem e de nenhuma forma tem como tirar proveito para a vida.

Ao observar que estas duas vertentes da Loucura conduz o indivíduo para algum ponto, devemos ter uma compreensão de que este caminho é percorrido a partir daquilo que o toca. Nisso, arriscando-se e obtendo de cada momento um ensinamento de forma concreta, e tudo isso devemos levar em consideração que parte do solo em

que vivemos, por isso nos perguntamos “que é afinal, a vida humana¹³? Uma comédia” (ERASMO, 1972, p. 49). Ao encontrar esta resposta da Loucura, nos atemos a este instante em que a comédia da vida se revela através da experiência constante do indivíduo, ou neste caso diríamos aquele que tem uma centelha de Loucura em si.

Nesta concepção, pode-se dizer, que a experiência da vida como uma comédia, um palco, onde o louco experimenta e abstrai para si o que é mais importante. O ensinamento proporcionado por aquela experiência vivenciada por ele, tenderá para algo que o torna numa condição de sábio, pois este não fala apenas das concepções abstraídas por leituras, por infundadas teorias que não são analisadas como atitudes práticas e eficazes. Mas como se pode notar, parte de um princípio fundamental para este período, que é a experiência¹⁴. O louco experimentou, tem bases concretas que fundamentam o seu agir e assim a Loucura dirá sobre estes:

Não haveria, pois, diferença alguma entre os sábios e os loucos, se não fossem mais felizes estes últimos. Sim, porque estes o são por dois motivos: o primeiro é que a felicidade dos loucos não custa nada, bastando um pouquinho de persuasão para formá-la; o segundo é que os meus loucos são felizes mesmo quando estão juntos com muitos outros. Ora, é impossível gozar um bem quando se está sozinho (ERASMO, 1972, p. 85).

Como nota-se na distinção de ambas as vertentes desta Loucura, observa-se que a Loucura que é explicitada por Erasmo, é aquela capaz de gerar mudança no mundo. Por isso, algo que traz uma reflexão, que transforma e que gera ideias novas capazes de contrastar com as realidades de erro, de injustiça e etc., sendo assim é a vertente que nos leva ao bom uso dos bens que esta deusa dispensa [Tradução nossa] (GODÍNEZ, 2016, p. 55).

Podemos ver a distinção de ambas vertentes da Loucura. Porém, agora partimos para a compreensão de forma mais específica daquilo que faz com que o louco tenha esse benefício em vida, de experimentar para depois absorver para si algo que é importante. Aqui notamos o que fundamenta a sua perspectiva de vida como um palco, em que ele é protagonista. Neste sentido observa-se que:

¹³ Erasmo fala da vida humana como o palco em que a todo momento o homem é protagonista. Por isso na obra é fundamental ater-se a este aspecto de liberdade da vontade do homem. A maneira de levar a vida é entendida justamente como uma comédia, pois resgata o ato de viver com dinamismo e simplicidade, aquilo que é mais pertinente a cada dia.

¹⁴ Como dito anteriormente, para não confundir este aspecto da experiência, no renascimento está em grande “progresso” a experiência do fazer científico. Mas, entendamos aqui experiência, como o ato de fazer alguma coisa e dela resultar um aprendizado, ainda que com o erro.

Existe, porém, outro furor inerente oposto ao precedente, e sou eu quem o proporciona aos homens, que deveriam desejá-lo sempre como o maior de todos os bens. Em que pensais que consista esse furor ou loucura? Consiste numa certa alienação de espírito que afasta do nosso ânimo qualquer preocupação incômoda, infundindo-lhe os mais suaves deleites (ERASMO, 1972, p. 82).

Assim esta vertente da Loucura leva o indivíduo a superar os desafios da vida, sustentando em seu momento o que é essencial, o que o leva a sair sempre do comodismo. Diria que a Loucura é um movimento de suspensão, que impulsiona para a descoberta do que é bom, do que tende a reflexão. E que ainda pode garantir um estado de espírito elevadíssimo e de contemplação¹⁵, pois, neste sentido, o indivíduo leva em consideração algo que é essencial para si “pois tem em consciência a paz de espírito, como um bem soberano” [Tradução nossa] (HALKIN, 2012, p. 167 *apud* GODÍNEZ, 2016, p. 55).

Nisto, chegamos a uma compreensão muito mais elevada desta vertente da Loucura elogiada por Erasmo. Tem-se uma ideia de que tendendo para uma vida de reflexão, de contemplação e de superação dos desafios, o homem irá buscar o que é de maior relevância para si, uma Loucura pautada pela experiência mesma da vida, que o leva a transformar o meio em que está inserido. Nesta categoria, devemos “entender a Loucura como algo que dá a possibilidade ao homem de romper com o que já está estabelecido e a retornar àquilo que é essencial, até um certo lugar, como qualidade eficaz para o elogio” [Tradução nossa] (GODÍNEZ, 2016, p. 59). É nesta percepção que se deve buscar e fazer um certo discernimento de que vertente da Loucura se deve tomar, para que assim a ação seja de acordo com o que proporciona o bem, e promova a dignidade.

¹⁵ É neste sentido de transcendência, de contemplação que se deve entender o conceito de alienação na obra, ou seja, um estado de espírito que garante a paz ao indivíduo.

2 A CRÍTICA SOCIAL E ACADÊMICA DA LOUCURA

“É Loucura, mas há método nela.”

(Shakespeare)

No que tange ao aspecto crítico da Loucura em relação à toda sociedade, há de se entender três aspectos fundamentais que norteiam a necessidade de fazer um verdadeiro juízo das coisas, dos acontecimentos e conhecimentos, pelo viés da Loucura. Primeiro, a distinção que Erasmo faz desta Loucura em relação a outra citada, como vimos anteriormente na distinção entre as duas vertentes da Loucura. Depois, percebe-se em sua obra que em todo o momento é possível notar que o autor coloca uma forma de ilusão humana, para se viver em realidades que eram características das pessoas, uma forma de superação destes contextos. E por fim, observar que a loucura à qual Erasmo se propõe, e que é a finalidade de todo homem, é a da fé, a Loucura que, numa perspectiva cristã, é a Loucura da cruz, que podemos entender como um processo pelo qual o ser humano passa, ou seja, vive uma vida muitas vezes de pelejas, de sofrimentos, e tantas outras coisas, porém ao final de tudo isso, tenderá para felicidade celeste.

Neste sentido, a crítica que a Loucura faz, se dirige à um conjunto total da sociedade. Como dito antes, a sátira literária exposta por Erasmo “não tendo possibilidade de suspender os praticantes das violências, os toca através da única ferramenta que possui, a chacota” [Tradução nossa] (HALKIN, 2012, p. 133 *apud* GODÍNEZ, 2016, p. 52).¹⁶

Quando se observa na obra, é possível notar pontos fundamentais que norteiam a sua crítica em relação a sociedade. Pois, o que fundamenta a crítica não são argumentos que vão contra a religião, contra a política ou alguma outra instituição ou relação dos indivíduos, mas sim em detrimento a postura daqueles que estavam a frente e que, muitas vezes, eram incoerentes no desempenho de seu papel.

O autor ao propor esta reflexão em relação à Loucura, traça um paralelo entre o que seria uma maneira justa de ser sábio, e aquilo que poderia se tornar destrutivo a este homem que não mede as consequências através da prudência, que lhe outorga

¹⁶ Entendamos a chacota neste sentido, como a forma de bom humor que desarma o caráter rígido e totalitários das instituições sobre o homem. Ela é propícia, pois não gera mais conflitos, mas tenta solucioná-los sem ofender.

uma boa consciência. Arriscaria dizer que seria uma atitude de equidade ao se fazer este caminho de reflexão. Pois, a equidade nos possibilita julgar os fatos, os acontecimentos e até mesmo fazer um juízo das próprias ações, baseado na justa medida para cada coisa, não exagerando ou diminuindo as consequências das ações do homem. E assim nota-se que Erasmo, como pode-se observar:

Questiona a veracidade dos discursos, a gentileza das relações, a profundidade das devoções, a intelectualidade dos religiosos, a congruência dos maridos e esposas, a moral dos dirigentes e reis, a validade dos livros e das obras dos intelectuais, o conteúdo da arte popular e vários outros tópicos [Tradução nossa] (GODÍNEZ, 2016, p. 52).

O verdadeiro juízo, ou seja, a verdadeira crítica que se pode fazer, é justamente através desta Loucura, poderíamos dizer uma Loucura sensata que desmascara certas realidades injustas e, propõe um caminho de liberdade para o homem. Ela não vê apenas a aparência das coisas, das instituições, mas vai profundamente em suas reflexões sociais, nisto observa-se que, Erasmo, ao redigir “O Elogio Da Loucura”, “critica os excessos, não as instituições; o rigorismo, não a piedade; as práticas devocionais sem fundamentos, não os sacramentos e a sagrada liturgia” [Tradução nossa] (HALKIN, 2012, p. 151 *apud* GODÍNEZ, 2016, p. 52).

Neste sentido, como pode-se observar, o louco, aquele que guiado pela figura metafórica da Loucura, tende a enfrentar as situações acomodadas e decadentes da sociedade em seus vários âmbitos. Faz a sua crítica social, não no sentido de desmoralizar as instituições, as crenças, as leis, pois tem consciência de que o que deve ser criticado, é a postura dos seus respectivos representantes. Um ponto importante nisto é que, a Loucura, não coopera com os erros, seja de quem for, pois, não existe bajulação por parte da crítica para um ou outro. Existe um olhar voltado para o todo e a partir disto a reflexão sobre as inconveniências, por isso “[...] é justamente essa razão o que mais honra os meus loucos. Nem mesmo dissimulam os vícios e os defeitos dos reis” (ERASMO, 1972, p. 65). A Loucura não tem favoritismos quando o assunto é a crítica social em relação as falhas dos indivíduos.

2.1 A religião

Erasmus era sacerdote, portanto, conhecia as irregularidades e tudo aquilo que era contrário a vivência da fé. Observava os fardos que eram impostos aos que professavam a crença, por isso pode-se dizer que a sua desaprovação (não no sentido de ir contra a vivência da fé ou de promover algum tipo de ateísmo) começa justamente pela parte da religião. A procedência de padres, bispos e até mesmo do papa era totalmente contrária ao que deveria ser vivido, faltava-lhes o cuidado com o povo, e por isso irá dizer:

Aconselhei a esses pretensos sucessores dos apóstolos que seguissem um caminho inteiramente oposto, e ninguém jamais soube aproveitar melhor os meus conselhos. Com efeito, o principal objetivo dos nossos Ilustríssimos e Reverendíssimos consiste em viver alegremente, e quanto ao rebanho, que dele cuide Jesus Cristo. Aliás, já não possuem os arcebispos, os vigários gerais, os confessores, os frades e mil outros fieis mastins, que estão sempre em guarda contra o lobo do inferno? Os bispos chegaram a esquecer que o seu nome, tomado ao pé da letra, significa trabalho, zelo, solicitude pela redenção das almas. Mas – por Baco! – não se esquecem nunca das honras e do dinheiro (ERASMO, 1972, p. 125).

Em relação a toda a pompa vivida por eles, segue ainda a crítica em relação a estes “homens da fé”. Como se sabe, era um período em que se vendiam indulgências, em que a igreja possuía muitos bens, e os religiosos, viviam uma vida totalmente diferente da proposta de Cristo e de seus seguidores. Nisto há de se levantar um questionamento em relação ao proceder deles: “para que tantos tesouros? Aqueles que pretendem representar o antigo colégio dos apóstolos não deveriam, antes de tudo, imitar a sua pobreza?” (ERASMO, 1972, p. 125).

Uma observação muito pertinente, nesse âmbito em que Erasmo fala sobre a sua crítica à religião, como se sabe, é em relação à reforma religiosa: “que estava em grande ascensão centrada na perspectiva aristotélica-escolástica, nos quais os problemas eram de cunho metafísico, físicos e dialéticos” (REALE, 2018, p. 66). Além de ser um período em que a conduta eclesiástica carecia de uma moral, ou seja, existiam muitos abusos por parte daqueles que estavam nestas estruturas. Por isso, ainda seguindo a ideia de Reale, “a filosofia é para Erasmo um conhecer a si mesmo à moda de Sócrates e dos antigos, é conhecimento sapiencial de vida; é sabedoria e prática de vida cristã. E a sapiência cristã não tem necessidade de complicados silogismos” (REALE, 2018, p. 66). A volta aos antigos clássicos, inclusive no modo de

viver a fé, faz com que Erasmo tome como filosofia cristã aquela em que era tida antigamente, um modo de conhecer-se e praticar, sem necessidades de grandes intervenções ou especulações filosóficas.

2.1.2 A política

Quando nos voltamos ao âmbito político, algo muito importante deve ser lembrado: estamos falando de um período em que houve a passagem da Idade Média para este período caracterizado por Renascimento¹⁷. Um ponto importante no movimento Humanista que critica a estrutura política, se deve lembrar que eram centradas no poder da Igreja e dos nobres e ainda na organização feudal. Quando se refere à política leva-se em conta toda a sua configuração, ou seja, tudo o que envolve este campo na sociedade. Nisto, com esta transição de períodos:

O pensamento do homem medieval sofreu com o surgimento do Renascimento, que foi um período marcado por muitas mudanças no campo das ciências que atingiu principalmente a cultura, sociedade, economia, política e religião. Que caracterizou a transição da Idade Média do feudalismo para a idade moderna do capitalismo, essa ruptura com o mundo medieval tem por consequência a criação do humanismo que é o surgimento ou efeitos que se viu na arte, filosofia e nas ciências voltados ao classicismo grego (FURTADO, 2013, p. 17).

Neste ponto, tomando a perspectiva política, Erasmo, irá criticar a postura dos príncipes, dos reis, ou seja, dos que estavam à frente do povo, no sentido de governar. Porém, assim como existiam os problemas na religião, aqui também existiam suas irregularidades. E bem se sabe que a posição que os governantes ocupavam e ocupam, devem colocá-los em uma postura condizente a seu cargo. Portanto, os desvios de condutas, a bajulação, o não cumprimento das leis devem ser assegurados para que não aconteça, e principalmente por estes, pois são representantes legítimos do povo. A Loucura dita primeiro as incumbências que estes devem seguir:

Com efeito, observemos em que consistem as obrigações de um homem que é posto à testa de uma nação. Deve dedicar-se dia e noite ao bem público e nunca ao seu interesse privado; pensar exclusivamente no que é vantajoso para o povo; ser o primeiro a observar as leis de que é autor e depositário, sem desviar-se nunca de nenhuma delas; observar, com firmeza e com os

¹⁷ A religião já não possuía a centralidade e o poder de tudo, principalmente pelo fato de o teocentrismo dar lugar ao antropocentrismo. A maneira política que antes estava colocada sobre a perspectiva feudal, abre espaço para uma nova forma de política, de comércio e relações, ou seja, com o renascimento surge o capitalismo comercial.

próprios olhos, a integridade dos secretários e dos magistrados; ter sempre presente que todos têm os olhares fixos na sua conduta pública e privada, podendo ele, à maneira de um astro salutar, influir beneficentemente sobre as coisas humanas, ou, como um infausto cometa, causar desolações. Não deve esquecer-se nunca de que os vícios e os delitos dos súditos são infinitamente menos contagiosos que os do senhor, e repetir diariamente, a si mesmo, que o príncipe se acha numa elevação, razão por que, quando dá maus exemplos, a sua conduta é uma peste que se comunica rapidamente, fazendo enormes estragos; refletir que a fortuna de um monarca o expõe aos prazeres, à impureza, à adulação, ao luxo, pois nunca estará suficientemente preparado para reprimir tudo o que pode seduzi-lo (ERASMO, 1972, p. 120-121).

Tantos outros apontamentos ainda são relevantes à conduta daquele que governa, porém são deixadas no esquecimento. A crítica da Loucura em relação a política se dá justamente por não serem observados os pontos fundamentais para se colocar numa posição tão elevada. Sem pretender fazer anacronismos¹⁸, mas trazendo uma reflexão acerca desta obra que toma um caráter muito peculiar, se observarmos o contexto político em diversas épocas, e principalmente na contemporaneidade, se considerarmos que muitos destes pontos são tão significativos para os representantes políticos, notaremos que muitos já estão em desuso. A conduta política hoje se pauta por interesses totalmente contrários a estes, e ao observar o pensamento de Erasmo em relação a isso que ocorre na sociedade, “salvaguardá-lo e constituí-lo nosso é um exercício pressuroso” [Tradução nossa] (HALKIN, 2012, p. 10 *apud* GODÍNEZ, 2016, p. 52). Pois, traz reflexões que norteiam a dimensão política, e principalmente orienta os governantes ao exercício daquilo que é fundamental na vida pública.

2.1.3 As diversas relações do homem

Na medida em que o homem não tende a ter um olhar voltado a si próprio, acontecerá que este não perceberá as incoerências cometidas por ele, pois como narcísico que é, sempre terá uma visão daquilo que é belo em si. Neste sentido, uma crítica se faz a respeito de sua postura, pois a irreflexão, partindo de um e de outro, incorrerá sempre em erros. Quando se fala das diversas relações, há de se pensar que todos carregam um traço desta loucura, pois:

¹⁸ A obra “O Elogio Da Loucura” está totalmente conforme a realidade do seu tempo, por isso é de um caráter intertemporal, mas em todos os períodos em que se estuda principalmente o aspecto político na filosofia, deve considerar que são apresentados os pontos fundamentais para o exercício na *pólis*. Logo a exigência presente de uma boa política nos remete a observar estes pontos apresentados por Erasmo De Rotterdam.

A loucura só existe em cada homem, porque é o homem que a constitui no apego que ele demonstra por si mesmo e através das ilusões com que se alimenta. A *philautia* é a primeira das figuras que a Loucura arrasta para sua dança, mas isto porque estão ligadas uma à outra por um parentesco privilegiado: o apego a si próprio é o primeiro sinal da loucura, mas é porque o homem se apega a si próprio que ele aceita o erro como verdade, a mentira como sendo a realidade, a violência e a feiura como sendo a beleza e a justiça (FOUCAULT, 1972, p. 24).

Nisto se manifesta que a Loucura tende a estar presente nas relações dos indivíduos. Pode-se pensar até que é a partir dela que subsistem. Pois, por vezes dá ao homem uma condição de abstração para poder seguir partilhando da vida em sociedade. Isto percebe-se desde as coisas simples até questões grandiosas como a religião, a política, relações de trabalho e etc. Neste sentido, percebe-se que ao escrever a sua crítica “Erasmus, que era humanista, faz é nos convidar a observarmos com humor e compaixão o ser humano, além de identificarmos a natureza humana e suas fragilidades de modo a nos adaptarmos humanamente a ela” (FURTADO, 2013, p. 17).

Entender a realidade do homem, levar em consideração suas capacidades e ainda suas falhas, torna-nos como que atentos ao indivíduo. A Loucura resguarda a dignidade deste indivíduo, para que este não seja acometido a situações que estejam além de seus limites humanos. Mas, deve-se ater que, a Loucura, não cega a realidade, nem ofusca aquilo que é próprio do homem, ou que sejam suas obrigações. Neste sentido, há de se pensar que, se tratando de uma busca por aquilo que é essencial para a vida, o homem deve confrontar-se constantemente consigo e com outros. Por isso, dizer de uma Loucura presente nas relações do homem, pois “é a Loucura que forma as cidades, graças a ela é que subsistem os governos, a religião, os conselhos, os tribunais; e é mesmo lícito asseverar que a vida humana não passa afinal de uma espécie de divertimento da Loucura” (ERASMO, 1972, p. 46).

Como visto, e em todos esses movimentos e instituições não está em jogo o envolvimento do homem com outros? pois não há indivíduo que esteja quase que em todo tempo socializando e trocando experiências com outros. A Loucura é responsável por esta interação, e os homens que gozam deste prazer da vida e das relações encontram nela aquilo que é necessário. Portanto, “deveis, pois a Loucura todos os bens que estais gozando e que tanto contribuem para a felicidade da vida” (ERASMO, 1972, p. 47).

Quando se fala dos vínculos sociais, da maneira do homem se portar perante os outros, deve-se ter em consciência que a Loucura aqui apresentada tem um ponto muito importante, “a sociedade é mostrada como um palco onde os seres humanos operam e são público das atuações dos outros” [Tradução nossa] (GODÍNEZ, 2016, p. 51-52). Mais uma vez reforça a ideia de relações em que sempre gera a reflexão, em se tratando do olhar para si e para o comportamento dos outros frente os desafios de vivência social.

Passamos agora a observar que em todos os momentos da vida e das relações humanas a Loucura está presente. Ela permeia as ações e os comportamentos de cada indivíduo. Não se deve julgar este parâmetro da Loucura como sendo algo mau. Pois, desde a mais tenra idade Erasmo já dirá que “é a natureza, que, procedendo com sabedoria, deu as crianças um certo ar de loucura, pelo qual elas obtêm a redução dos castigos dos seus educadores e se tornam merecedoras do afeto de quem as tem ao seu cuidado” (ERASMO, 1972, p. 24)¹⁹. Sendo assim, há de notar que nesta Loucura, as relações todas se fundamentam a partir dela. Há sempre um benefício para aquele que tem em si uma certa “dose” desta deusa. E neste desenrolar da vida em todos os momentos, o indivíduo será acompanhado por ela, pois “em todos os lados, a loucura fascina o homem” (FOUCAULT, 1972, p. 22).

A Loucura está presente nas diversas relações. Quando presenciamos tantos feitos por parte das pessoas, muitos são dignos de elogios, outros caberia uma certa correção. Porém, por vezes, na vivência com os demais, há situações em que não são questionadas, por se tratar de ser de um amigo para com outro, dos pais para com filhos e de tantas outras formas de convívio, caberia dizer que a Loucura dá as pessoas um parâmetro em que ninguém é superior. Existe uma grande relevância da condição humana e nisto observa-se que “não há quem não faça suas loucuras e, a esse respeito, por conseguinte, todos se assemelham; ora, a semelhança é justamente o principal fundamento de toda estreita amizade” (ERASMO, 1972, p. 36).

Quanto a uma outra forma de convívio social que se remete a este quinhão de Loucura, deve-se lembrar das relações conjugais. Neste movimento de interação entre as pessoas, tem um espaço para que a Loucura possa atuar. Pois nesta

¹⁹ A Loucura que se expressa nas crianças é devido a questão do não juízo, ou seja, a criança vive desapegada dos conflitos que a permeia, e ainda possui a capacidade de encenar/dramatizar e assim toma todas as atenções para si.

condição de casais, na grande maioria passam por dificuldades nas relações, de tantas formas possíveis: traição, machismo, dificuldades com familiares de ambas as partes e etc., Erasmo dirá que aí tem a presença da Loucura, pois ainda se mantém tais relacionamentos sustentados pela deusa e suas companheiras que auxiliam na vida. A Loucura dirá:

Se, portanto, deveis a vida ao matrimônio e o matrimônio à irreflexão, que é uma das minhas sequazes, avaliai quanto me deveis. Além disso, uma mulher que já passou uma vez pelos espinhos do indissolúvel laço, e que anseia por tornar a passar por eles, não o fará, talvez, em virtude da assistência da ninfa esquecimento, minha cara companheira? (ERASMO, 1972, p. 22).

Em todas as etapas da vida há uma necessidade de “driblar” certos acontecimentos para que esta seja vivida em sua plenitude. Poderia dizer através da experiência da Loucura, em Erasmo, a vida é um palco em que o homem é protagonista. Portanto, arriscando-se, transforma a realidade e vive uma prática constante de conhecer-se e de elogiar-se para se manter ativo nas diversas relações, pois:

Compreender que a vida é uma espécie de atuação reporta como devendo ser favorecido com os melhores papéis, provavelmente os protagonistas. Assumir-se em uma constante atuação implica o reconhecimento de sua atuação. Em uma sociedade de loucos não é o inferior que atrai [Tradução nossa] (GODÍNEZ, 2016, p. 57).

Neste sentido, ao experimentar a vida, as relações, o homem coloca-se sempre numa postura de conhecimento das realidades em que sempre ou na maioria das vezes é de interação, e a Loucura o resguarda a partir daquilo que é fundamental para sua vivência social. Todos possuindo um pouco da Loucura em si, conseguem suportar os fardos, principalmente das dificuldades de relacionamentos, visto que todos procuram através dela a experiência que conduz a uma vida feliz, pois “sem alegria, a vida humana nem sequer merece o nome de vida” (ERASMO, 1972, p. 34). E a alegria aqui é percebida, como a maneira de cada indivíduo se expressar na sociedade, levando em consideração a dignidade de si próprio e do outro, além de proporcionar uma certa leveza e simplicidade no cotidiano.

2.2 A FILOSOFIA E A TEOLOGIA

A crítica da Loucura chega a sua máxima quando se trata de vertentes em que o grau de sabedoria é elevadíssimo. Aqueles que se dedicam a vivência da filosofia e teologia, se cercam de tudo o que é proveitoso para contemplarem as “verdades” deste conhecimento e, se esquecem muitas vezes da experiência ou o pior não percebem a realidade. Sobre isso dirá: “passam toda a vida a raciocinar em torno das nuvens e das ideias, ocupando-se em medir o pé de uma pulga e se perdendo em admirar o zumbido do pernilongo, descuidou-se esse filósofo do estudo e do conhecimento dos homens” (ERASMO, 1972, p. 41). Nisto, observa-se que a crítica é feita, pois os sábios mostram-se superiores aos loucos. Porém, estes tendem também há um certo grau de Loucura, assim:

A ação de ir em busca de ser diferente dos loucos é semelhante a uma insensatez. Mas torna-se uma insensatez de uma outra categoria específica. A grande loucura é manifestada quando se busca a vivência da mística, da interiorização que garante um encontro com alguma coisa maior [Tradução nossa] (GODÍNEZ, 2016, p. 59).

Quando nos voltamos ao aspecto da Loucura relacionada à filosofia, percebe-se que Erasmo faz sua crítica aos filósofos por serem respeitados, tidos como sábios, aqueles que dominam o conhecimento de tudo, porém não são capazes de colocar este conhecimento em prática para gerar mudanças na sociedade. Assim se mostram como que em um grau mais elevado que as pessoas comuns, nisto se deixam levar apenas por este caminho desenfreado de análises de tudo o que acontece no mundo, e tornam tudo muito complexo em relação ao conhecimento. Também observa-se tratar de uma vida pautada apenas no que se refere as teorias, estando longe daquela proposta do autoconhecimento e da ação da vida. Portanto, a crítica está centrada na condição em que estes se colocam e muitas vezes não percebem:

Sobre suas pegadas avançam os filósofos, que incutem reverência com o manto e com a barba[...] com efeito, eles não conhecem nada com certeza. Prova mais que suficiente disso é o fato de que, entre os filósofos, a respeito de toda questão nascem polêmicas intermináveis. Eles não sabem nada, mas afirmam saber tudo, não conhecem a si mesmos, por vezes não conseguem perceber os buracos ou as pedras que lhes aparecem à frente, ou porque a maioria deles são cegos ou porque sempre estão nas nuvens (ERASMO, 1972, p. 100-101)

Até aqui há de se pensar nesta experiência dos sábios sem uma perspectiva de liberdade. É aquela Loucura que faz crítica a vida intelectual, no sentido de que só leva ao engrandecimento de si. Ela não gera uma consciência interior e exterior daquilo que necessita ser transformado, deve ser a busca de uma razão enquanto que reflexiva e atenta aos sinais. É vista também como uma forma de colocar as paixões em ascensão e não se ter nenhuma cautela sobre os “instintos” que temos, que no caso é a volúpia, como já mencionado. Nesta perspectiva, um ponto fundamental para se fazer uma profunda reflexão quanto ao “Elogio Da Loucura”, é perceber a necessidade do autoconhecimento, ou também em outras palavras, poderia dizer-se de uma autoconsciência a respeito de si e das coisas do mundo.

Sobre a teologia, que é o campo digamos mais criticado por Erasmo, e como citado anteriormente, ele não era adepto ao modo aristotélico-escolástico. Ele dirá também serem os teólogos pessoas sujeitas a este caminho de uma Loucura insensata, uma Loucura que assim como nos filósofos os fazem tenderem as suas paixões, é o elogio de si mesmos. E, em grau mais elevado, aqui encontra-se uma espécie de filaúcia (amor desmedido), que tenderá para o amor próprio. Como diz o autor, estes encontram muitas sutilezas, para seus argumentos abusivos. E ainda que se trata de um conhecimento difícil de compreensão, assim sendo para o restante do povo não estariam em posição a chegar a tamanha erudição. A desaprovação se dá porque:

Os teólogos, cercados de uma série de magistras definições, conclusões, corolários, proposições explícitas, em suma, de tudo o que compõe a malícia da escola sacra, usam de tantos subterfúgios que o próprio Vulcano não conseguiria embrulhá-los, mesmo empregando a rede de que se serve para mostrar aos deuses os seus cornos nascentes. Não há nó que esses senhores não saibam desfazer de um golpe com a mais que tenédeia bipene do distinguo: bipene formada de todos os novos vocábulos sonoros e empolgados que nasceram no seio da sutileza escolástica (ERASMO, 1972, p. 101-102).

A crítica ressoa principalmente pelas extravagâncias em ambas as discussões. Para Erasmo, tanto filosofia como teologia tinham tomado proporções contrárias aquilo que este acreditava que deveria ser o caminho, seja para o conhecimento de si, seja para o caminho de reflexão, e não da alta posição que estes se colocavam em relação ao povo. E, ainda, a crítica da Loucura, se dá pela pretensão de se colocarem como que possuidores de uma verdade absoluta, imutável pois:

Se os próprios apóstolos descessem à terra e fossem obrigados a discutir com os teólogos modernos, sou de opinião que teriam necessidade de um novo espírito totalmente diverso daquele que, em seu tempo, lhes dava possibilidade de falar” (ERASMO, 1972, p. 103).

O autor ao propor esta reflexão em relação à Loucura, traça um paralelo entre o que seria uma maneira justa de ser sábio, e aquilo que poderia se tornar destrutivo a este homem, que não mede as consequências através da prudência que lhe garante uma boa consciência de seus atos. Seria dizer que é uma experiência de sabedoria, pautada justamente no conhecimento de si e das realidades sociais. É dizer uma maneira de ser sábio, apoiando-se no justo juízo dos acontecimentos.

Nisto, “o que nosso escritor fez foi ironizar os homens religiosos e de ciências que conhecemos por universitários, padres e pastores. Não só religiosos como muitos afirmam, mas também a sociedade como um todo” (FURTADO, 2013, p. 14). Por isso, ao observar o julgamento que a Loucura faz em relação a sociedade, toma-se o caráter de reflexão das estruturas em todos os seus âmbitos, seja político, religioso, social, pois o homem a todo tempo está inserido em um contexto em que outros também fazem a sua reflexão acerca da vida.

Neste sentido, é necessário ter consciência de que para se atingir tal reflexão, para se chegar a um lugar em que a Loucura é tida como algo que leva o indivíduo a “vivenciar” a vida e, assim absorver um conhecimento através disto. Constata-se que na Loucura existe um caminho, e é através dele que o homem, ou, o louco chegará à verdade.

3 A VERDADE DA LOUCURA

“Se o doído persistisse na sua loucura tornar-se-ia sensato.”

(William Blake)

Na seção anterior buscamos compreender a crítica social da Loucura. Em todos os âmbitos da sociedade, algo fundamental era deixado de lado, ou seja, a condição do homem. Um contexto em que prevalecia apenas disputas escolásticas, o conhecimento intelectual que em nada produzia mudança social, uma política pautada somente na grandeza e no bem estar do rei e, tantos outros problemas, faz com que se tenha um olhar voltado à quem mais necessitava e, por isso a crítica traz o caráter de reflexão, pois:

A consciência possibilita que o homem tem de dar-se conta do que se é e faz. Dar-se conta de si mesmo, de sua existência, da existência dos outros; de sua dignidade, da dignidade dos outros; dar-se conta de que é filho de Deus e amado por Ele; dar-se conta de tudo o que existe no mundo, da natureza, do ambiente; perceber sua corporeidade, sua família, da realidade, enfim. A tomada de consciência exige disciplina, ordem, normatização e consciência para o mundo sensorial. Erasmo refere-se à consciência que o homem tem da história de sua época, já que a má Loucura aliena a razão cristã (COUTO, 2000, p. 37).

A desatenção por parte da religião, da política, das ciências, faz com que o indivíduo não tome parte daquilo que lhe é devido e, por isso, fique a margem das questões sociais. Neste sentido, a obra “O Elogio Da Loucura” sintetiza de forma filosófica as questões relacionadas ao que é parte integral do homem. Cria como que condições através da razão, para o levantamento de questões acerca das estruturas sociais. Porém não uma filosofia centrada apenas no que é exterior ao homem, nem pautada em ideias absolutas que ficam engendradas somente no campo teórico, pois “Erasmo confrontou o idealismo com o realismo do dia a dia” (FURTADO, 2013, p. 15).

Expressar a realidade, faz com que a obra retrate de forma explícita as incongruências da vida. O modo com que na renascença se expressa a questão da experiência, remete-nos a questionar se a filosofia, a teologia, os encargos públicos não devessem agir de acordo com a realidade e as necessidades dos indivíduos. Para

nada serviria os altíssimos e ilustres saberes se não fossem para auxiliar nas questões referentes ao cotidiano. A esse respeito, há um trecho em que a Loucura demonstra de forma plausível a relação entre teoria e prática, ou mesmo conhecimento e ação através da ação. Dado que de nada vale toda sapiência se não for colocada em virtude do bem, nos dirá: “isso não seria nada se esses filósofos só fossem incapazes de exercer os cargos e empregos públicos; o pior, porém, é que estão longe de ser melhores para as funções e deveres da vida” (ERASMO, 1972, p. 43).

Uma sociedade que se fundamenta apenas em aspectos teóricos, torna-se incapaz de executar ações que se configurem no bem das pessoas de modo geral. Neste sentido, a filosofia proposta pela metáfora da Loucura, apropria-se de algo fundamental que é a razão, que é impulsionada pela ação, ou seja, o fazer prático que contribui para o bom desempenho da sociedade e nela incluindo todas as instituições. Na obra “História Da Loucura Na Sociedade Clássica”, Foucault retrata bem a proposta erasmiana em relação ao conhecimento, e em se tratando daqueles que eram tidos como sóbrios, segundo ele:

Erasmus reserva aos homens do saber um bom lugar em sua ronda dos loucos; depois os gramáticos, os poetas, os retóricos e os escritores; depois os juristas; em seguida caminham os filósofos; finalmente a tropa apressada e inumerável dos teólogos. Mas se saber é tão importante na loucura não é que esta possa conter os segredos daquele; ela é, pelo contrário, o castigo de uma ciência desregrada e inútil. Se a loucura é a verdade do conhecimento, é por que este é insignificante, e em lugar de dirigir-se ao grande livro da experiência, perde-se na poeira dos livros e nas discussões ociosas; a ciência acaba por desaguar na loucura pelo próprio excesso das falsas ciências (FOUCAULT, 1972, p. 23-24).

Aqui percebe-se que o fundo crítico do “Elogio Da Loucura” é demonstrado, pois de nada vale toda sabedoria, se ela não for contribuinte para a renovação e mudança da sociedade, torna-se um conhecimento insensato e egoísta. Em Erasmo, nota-se um grande autor “dono de uma grande erudição, que se coloca como sábio à medida que demonstra seu conhecimento e expõe suas críticas a camada intelectual da sociedade, por se colocarem além das coisas do mundo” (KANTORSKI, 2010, p. 245).

Daí então, surge uma proposta de uma filosofia fundada na prática, ou seja, um modo de pensar e investigar as coisas do mundo, através da ação e, neste sentido unindo a esta ação uma razão que dá fundamento e não se fixa na irreflexão da inércia. Neste sentido, “a Loucura se torna proveitosa enquanto traz uma sabedoria e,

não uma sabedoria que seja presumida na pura insensatez” [Tradução nossa] (HUIZINGA, 1958, p. 67 *apud* OELKER, 2005, p. 13).

“O Elogio Da Loucura” retrata algo fundamental do pensamento erasmiano, pois “expõe a devoção em uma estrutura que analisa a humanidade de forma geral” (DOLAN, 2004, p. 91). Nesta reflexão, nota-se que a verdade da Loucura vai se aproximando de uma teologia de vida cristã, pois o indivíduo pauta a sua ação através de uma sabedoria que é universal, que dispõe favores e que os conduzem ao bem. Percebe-se, então, tratar-se de uma filosofia cristã (da própria ação de Cristo), pois é medida pelas próprias ações de Cristo e, nisso a expressão máxima da Loucura converge para o homem.

Ao associar razão e ação, pautando-se em uma verdade superior, o indivíduo seria capaz de perpassar as situações mórbidas da vida cotidiana, pois o que fundamenta sua busca é algo bem mais elevado do que o domínio de todas as ciências. Neste sentido, Erasmo não é contrário ao estudo das artes, pois “de tudo quanto dissemos acerca das disciplinas, pode-se concluir que as artes mais vantajosas são as que se relacionam com a loucura” (ERASMO, 1972, p. 59). Porém, leva-nos a pensar que nosso autor é avesso a um conhecimento que produz no homem um assoberbamento em relação aos outros e ainda o esquecimento de sua condição humana e da sua dignidade, assim como a dos outros que vivem as mesmas situações da vida.

3.1 A LOUCURA COMO PRINCÍPIO DE SABEDORIA

Toda sabedoria é contrária a um estado de ignorância, quando são apresentadas as devidas posições de saída do erro. Pode um sábio agir de maneira errônea? Na sistematização do proceder de um indivíduo, que adquire através da experiência uma razão que o conduza para o que é o bem comum, existe a formação da consciência baseada nos bons princípios ou melhor dizendo, nas virtudes concedidas através desta vivência da filosofia cristã.

O “Príncipe dos Humanistas” era adepto de uma boa formação da consciência e da vida intelectual, pois a crítica exposta no “Elogio Da Loucura” denuncia os que viviam as frivolidades, os erros concebidos pela má administração dos bens e do poder, além das infundadas disputas escolásticas que em nada favoreciam a vida dos

homens. Fazendo uso da obra, “A Educação Liberal”²⁰, de Erasmo de Rotterdam nota-se que:

É surpreendente observar que os mesmos erros e negligências censurados por Erasmo nos seus dias ainda estão em voga nos nossos. Porém, é ainda mais surpreendente notar que as soluções propostas por Erasmo para o seu tempo também se aplicam ao nosso. Além disso, o príncipe dos humanistas dá diretrizes claras sobre como ensinar e o que transmitir para se ter uma robusta formação moral e intelectual (REZENDE, 2020, p. 9).

Talvez nos questionemos sobre a relação²¹ entre estas duas obras distintas de Erasmo. Porém, tendo em vista que a Loucura, à qual se tem elogiado, é aquela pautada pela boa conduta da ação e, de maneira mais intrínseca a da filosofia de vida de um cristão, ou seja, a cruz. Não seria, porventura este caminho muito bem fundamentado numa moral que proporciona uma experiência elevada de vida e uma intelectualidade que não nos deixa aparte dos acontecimentos do mundo?

Retomando a concepção renascentista que visava o progresso da civilização, é possível imaginar que a crítica da Loucura repercutia em grande escala, pois “o mundo do século XVI abraçou a esperança de que a sociedade e as instituições, e não somente os indivíduos, pudessem ser mudados para melhor” (DOLAN, 2004, p. 7). Tal mudança ocorreria justamente na medida em que cada indivíduo tomasse como algo salutar a sabedoria, no sentido de transformar radicalmente aquilo que não estivesse de acordo com as normas sociais, religiosas e institucionais.

A fúria das guerras é contrária ao bem supremo da sabedoria da Loucura. Como vimos, a obra de Erasmo, faz sua crítica a tudo aquilo que é mal no homem e para o homem. Observando um outro aspecto fundamental da filosofia de Erasmo, notar-se-á que um fator que é contrário ao princípio de sabedoria, reside no desequilíbrio da sociedade, no sentido de que muitos que são tidos como sábios estão

²⁰ Obra de Erasmo De Rotterdam de 1529, onde o autor descreve sobre os princípios de uma boa formação humana e acadêmica relacionando com os ideais humanistas.

²¹ “Erasmo discorre sobre o peso da educação para toda a vida de uma pessoa. É surpreendente observar que os mesmos erros e negligências censurados por Erasmo nos seus dias ainda estão em voga nos nossos. Porém, é ainda mais surpreendente notar que as soluções propostas por Erasmo para o seu tempo também se aplicam ao nosso. O Príncipe dos Humanistas dá diretrizes claras sobre como ensinar desde a mais tenra idade as crianças, para que assim tenham uma robusta formação moral e intelectual.” (REZENDE, 2020, p. 9). Nisto observa-se esta relação da educação com a Loucura, pois em sua obra “O Elogio Da Loucura”, Erasmo crítica justamente a falta de conduta moral, o mal uso da intelectualidade, assim como as ignorâncias e intolerâncias cometidas no seu tempo principalmente por aqueles que se diziam fazer uso da razão.

nesta condição de maneira injusta, enquanto outros não possuem visibilidade nenhuma no meio social. Sobre isso dirá Dolan:

A desigualdade entre os homens e a necessidade resultante da cooperação cria uma demanda pela paz e harmonia como um elemento essencial na estrutura da sociedade. Se para Maquiavel os interesses políticos e militares são totalmente divorciados da religião, da moral e das considerações sociais, para Erasmo estas questões representam o total objetivo e propósito da atividade política (DOLAN, 2004, p. 164).

O contexto em que o indivíduo se insere, deve-lhe proporcionar o exercício da sabedoria e, justamente mediante a sua participação na sociedade que ele poderá pôr em prática toda experiência proporcionada pela boa Loucura, que o impulsiona a viver em sociedade, tendo em vista o seu bem e o do próximo.

Na obra, “O Protesto Da Paz”²², Erasmo ressalta algo que é muito importante para se obter este grau tão elevadíssimo da Loucura, que culmina num princípio de sabedoria. Enquanto “O Elogio Da Loucura” faz sua crítica em relação a todo mal, injustiça e desigualdade, “O Protesto Da Paz” traz como que uma resposta para a sabedoria, pois revela a mesma questão da experiência e, esta é fruto da ação do louco de arriscar-se a ir contra tudo que o diminui e o retira de sua condição humana. O saber consiste no agir e, por vezes a ação conduz à paz e ao equilíbrio, gerando assim uma grande virtude para aquele que o faz. Assim:

Sempre que um acontecimento virtuoso e justo ocorre, uma grande harmonia é emanada. Uma companhia confiável não somente alegra-se quando seu companheiro está em paz, mas ele também sofre da mesma maneira quando o seu próximo está sofrendo” (ERASMO, 2004, p. 188).

A filosofia da sabedoria da Loucura vai afunilando ao ponto de se relacionar intimamente com a teologia. O cristianismo, vivenciado por Erasmo, tenderá a uma crítica da Loucura, onde os cristãos estão bem distantes do ideal e da sabedoria do seu Senhor. Por isso, o princípio fundamental da sabedoria será sempre a ação, mas esta ação deve estar voltada a vivência do bem comum, a contemplação das alegrias eternas e o mais importante, a sapiência de vida. A respeito disso Dolan dirá:

²² Obra de Erasmo de Rotterdam datada em 1517, em que vai contra a forma com que se deu os manifestos da tradição protestante. É também conhecida como “Questão da Paz”, onde Erasmo busca justamente através do caráter humanista manter a ordem e tolerância principalmente em relação aos conflitos religiosos.

Todo o propósito da Loucura é conduzir o leitor à noção verdadeira da sabedoria e conduzi-lo ao próprio Deus. Pois a sabedoria é um tipo de Loucura. É uma *sancta eruditio*. Para Erasmo, assim como para muitos filósofos da Renascença, a teologia não é *scientia*, mas sim *sapientia*, não é um corpo sistemático composto por certas noções, mas sim uma retórica sagrada humildemente a serviço dos textos sagrados da revelação de Deus (DOLAN, 2004, p. 92).

No próprio “Elogio Da Loucura”, a definição para os loucos neste grau elevadíssimo, cabe justamente porque não deixam de lado este princípio de sabedoria que culmina numa filosofia de vida que é acertada, pois, “é impossível achar loucos mais extravagantes que os que se abandonam inteiramente ao ardor da piedade cristã” (ERASMO, 1972, p. 150). Esta sabedoria é o caminho no qual todos deveriam ter em mente, volvendo suas ações para aquilo que é bom. E, neste sentido, o uso da razão evita a ignorância e conduz o indivíduo ao que é essencial nas artes do conhecimento.

3.1.1 O caminho de prudência

Uma pequena obra, chamada “O Mendigo Que Sabia De Cor Os Adágios De Erasmo De Rotterdam”²³, retrata numa belíssima literatura, de Evandro Ferreira, o percurso de um andarilho que era tido como louco. Este vivia na rua, ou melhor, foi para as ruas em busca de sua amada. Neste ínterim, sua vida é totalmente mudada, pois diversas são as relações estabelecidas com outros moradores de rua. Muitas são as decisões que este deve tomar, todas motivadas pela Loucura da sabedoria e o mais importante e, que tomaremos como rumo neste tópico, é o caminho que ele faz levando em consideração os pequenos fragmentos decorados do “Príncipe dos Humanistas”.

Já de início nos deparamos com a seguinte afirmação: “não merece o doce quem não experimentou o amargo” (FERREIRA, 2014, p. 13). Tal informação remete a uma condição de alguém que experimentou da vida tudo quanto lhe foi possível e, que encontrando o que lhe faz bem, toma como algo essencial. Aqui não cabe o conceito de sensatez, vivenciado pela sabedoria da Loucura?

²³ Obra literária, de Evandro Affonso Ferreira de 2014 sua 2ª edição, que usa dos pensamentos de Erasmo de Rotterdam, para discorrer sobre seu personagem principal que é um andarilho que sabe de forma decorada trechos da obra de Erasmo, e isso é que vai sendo seu parâmetro em busca de sua amada. Aqui se mostra mais uma vez, a relação entre a literatura e a filosofia como dito anteriormente.

No que se refere à uma vida pautada pela prudência, é possível observar que a Loucura faz o elogio àqueles que eram guiados segundo os bons preceitos. O homem tendendo para o que é bom, encontra-se como que nesta estrada certa, pois sempre opta por esta sabedoria. Neste sentido, concordando com o que diz Reale, é certo dizer que é o caminho que se faz retirando tudo aquilo que vai contra a verdade, e que é empecilho para se tornar prudente. Sobre isso dirá ao comentar sobre “O Elogio Da Loucura”:

A loucura é como uma vassoura mágica que varre tudo aquilo que impede a compreensão das verdades mais profundas e severas da vida; que nos faz ver como sob as vestes de um rei às vezes existe um pobre mendigo e, vice-versa, como sob a máscara do poderoso não existe senão um vil (REALE, 2018, p. 67).

Algo interessante é pensar em como um indivíduo se torna prudente, é observando suas ações, pois em cada experiência vai adquirindo um conhecimento, um aprendizado diferente. Por vezes, se confunde prudência com ociosidade, ou mesmo, a falta de iniciativa. Pensais que em uma situação de injustiça ou de reivindicação por aquilo que é direito de todos e, em si é o bem comum, o indivíduo que frente a estes desafios se cala ou é imparcial seria prudente? Agora pelo contrário o bom ato de nobreza; pensado, para que assim tenha uma boa iniciativa, não consiste em uma prudência que não é intimidada e, que faz valer a sabedoria do louco? Sendo assim, Erasmo, em sua obra dirá:

Se a prudência consiste no uso comedido das coisas, eu desejaria saber qual dos dois merece mais ser honrado com o título de prudente: o sábio, que, parte por modéstia, parte por medo, nada realiza, ou o louco, que nem o pudor (pois não o conhece) nem o perigo (por que não o vê) podem demover de qualquer empreendimento (ERASMO, 1972, p. 47).

Caracterizando a prudência como estes atos que são relevantes, nota-se então, que para se chegar a um elevado nível de sensatez, é preciso associar-se a esta Loucura, que não tem barreiras que a impeça de agir, quando o assunto é a felicidade dos que lhe aderem.

A vida em si quando tragada pelas incoerências, faz com que se levantem questões em relação a condição humana. No decorrer da história e, principalmente no período renascentista, quantos foram os que levantaram a bandeira em defesa das pessoas, daqueles que mais sofriam com as irregularidades do seu tempo? Observa-

se que, através das várias expressões artísticas, literárias, científicas, enfim, vários foram os loucos, entretanto, prudentes que tiveram protagonismo, por isso “a loucura pode se manifestar a favor da humanidade; com atos de heroísmo em Dom Quixote, nos quadros de Van Gogh, nas descobertas científicas feitas por exemplo por Leonardo Da Vinci, Isaac Newton. Todos foram chamados de loucos” (FURTADO, 2013, p. 14).

Entendida como uma ação positiva, que visa aquilo que é bom, a prudência vai tornando-se algo que é fundamental no “Elogio Da Loucura”. Sinaliza para uma espécie de atitude virtuosa frente aos contextos da humanidade. Pensando nisto, como não imaginar que o Humanismo Renascentista toma esta virtude de forma tão abrangente em seus discursos? Na crítica da Loucura, isto aparece de forma explícita, pois importa a vida dos homens. Neste sentido, “se a natureza vos fez homens, a verdadeira prudência exige que não vos eleveis acima da condição humana” (ERASMO, 1972, p. 50).

O profundo conhecimento das ações, pautadas pela prudência, leva o indivíduo à uma característica fundamental, que é o uso racional, ou seja, neste caminho para uma verdadeira sabedoria, tendo em vista a ação prudente, jamais será desassociada da capacidade da razão. Como se sabe, a prudência enraíza em outras virtudes ainda; pois é sempre exigido na ação, um passo a passo importante, para se ter uma boa reflexão e, conseqüentemente, uma repercussão na corajosa ação do louco na sociedade, assentando esta afirmação com a opinião de Couto que diz:

A prudência condiciona todas as outras virtudes, pois ela é o maestro da temperança, da coragem e da justiça, conforme nos mostrou São Tomás, e Erasmo, leitor de Aquino, também optou por não deixar essas três últimas virtudes à deriva, pois a prudência instrumentaliza a ação, governa a Razão. A prudência decide e a coragem provê (COUTO, 2000, p. 49).

A partir disso, se é possível pensar que a crítica da Loucura se faz justamente aos que pela volúpia, pela destemperança não fazem uso desta prudência que conduz ao que é bom. Fixando atentamente ao “Elogio Da Loucura”, pode-se perceber que tende para a percepção de um princípio ético, alcançado por aqueles que seguem este caminho, pois “a prudência, neste sentido, não é medrosa nem pusilânime, junto com a coragem constroi uma ética que desenclausura a razão da loucura, a que se refere Erasmo quando ironiza o agir do homem de sua época” (COUTO, 2000, p. 49).

Tomando nota deste percurso, vamos percebendo que a Loucura vai preparando, no decorrer deste caminho aquilo que é essencial para a vida humana. E neste caminho, o final será reservado de algo prioritário, a felicidade.

3.1.2 Felicidade e liberdade na loucura

Através da iniciação da verdade presente no mundo e, buscando viver este caminho de forma plausível, teremos uma grande jornada. Chegar até o uso racional e humano das virtudes, tem-se a possibilidade, e além disso, a concretude de uma vida pautada pelo bem.

A Loucura tida por esta via de discernimento, contemplação e ação, inicia o homem a reconhecer-se como digno de buscar uma vida feliz e liberta de tudo que se caracteriza como mal e aprisionamento. Observemos que o primeiro passo se dá justamente em reconhecer sua condição humana, esta que jamais deverá ser censurada pelas contradições sociais, sejam a nível político, religioso, ou, em qualquer relação estabelecida pelo homem.

O período renascentista, com maior influência dos pensadores humanistas, ressaltou algo fundamental para a vida e dignidade do homem, que foi trazê-lo ao centro das discussões filosóficas. Exemplo disso, foi este grande pensador, Erasmo, que de uma forma estupenda soube criticar as más inclinações das instituições e dos indivíduos que deixavam de lado a vida dos seus semelhantes. Sua filosofia e, também teologia, não se fundamentava apenas nas questões complexas de investigações, mas “o espírito filosófico erasmiano na sua manifestação mais peculiar se encontra no “Elogio Da Loucura” (REALE, 2018, p. 67). É justamente nesta obra, que a questão da dignidade do homem é colocada, pois é um modo de fazer filosofia numa perspectiva mais elevada, ou seja, que conduz o homem à um “conhecimento sapiencial; que é sabedoria e prática de vida cristã” (REALE, 2018, p. 66) e, é a partir deste caminho que a Loucura inicia seu processo de conduzir o homem a algo mais elevado e urgente em sua vida.

A necessidade de conhecer-se conduz o homem a um grau de reflexão elevadíssimo. Nesta condição, a sabedoria, instruída pela Loucura, lhe garante a liberdade de escolher aquilo que lhe será de maior valor, ou seja, o que lhe possibilitará tender para a virtude e conseqüentemente para a liberdade plena. A

consciência e dignidade levam-no a perceber que “a felicidade consiste, sobretudo, em querer ser o que se é” (ERASMO, 1972, p. 39).

Pensando na filosofia como fonte de busca e inspiração para a contemplação, nos deparamos com algo muito importante, a felicidade e liberdade que se encontra num estado de vida totalmente voltada à paz. Erasmo, no “Elogio Da Loucura”, criticou a fúria das guerras, as imoralidades, a desarmonia nas instituições e etc. Isso leva-nos através das pesquisas, inferir a hipótese de que a Loucura em seu estágio de maior proveito para a vida humana, está no fato do homem estar em paz consigo, com os outros e, conseqüentemente com o mundo que o rodeia.

Na obra, “O Protesto Da Paz”, nosso autor relata a paz como algo indispensável a vivência das virtudes e, em decorrência disso o lugar onde se encontra de forma mais concreta o grande prêmio para o homem, que é a felicidade e, conseqüentemente, sua liberdade. Sobre isso dirá:

Se a humanidade tem me rejeitado para sua própria vantagem, eu teria razões suficientes para lamentar tanto uma ofensa não merecida como uma injustiça. Porém, visto que os homens me expulsaram, eu que sou a fonte de toda sua felicidade, e assim fazendo, trouxeram calamidade após calamidade para suas vidas (ERASMO, 2004, p. 166).

A reivindicação da paz como princípio para a felicidade, revela como que a resposta para “O Elogio Da Loucura”. De fato, a Loucura, em seu mais alto grau, se dá naqueles que aderindo à ação de Cristo, tomam para si a verdade como esta sabedoria que tem seu caráter racional e que conduz o indivíduo rumo a felicidade e a liberdade na Loucura.

A crítica da Loucura, satiriza todos os que procedem de forma irregular, enquanto, “O Protesto Da Paz” fala aos que verdadeiramente desejam conquistar tamanho benefício, a felicidade. Notemos tal relação quando diz:

Permita-me dizer algumas palavras em defesa da paz e da harmonia para aqueles que verdadeiramente desprezam o furor da guerra. A paz não será encontrada em diversas associações ou confederações de homens, que frequentemente são a fonte e a causa das guerras. Devemos buscar a paz purificando as fontes das guerras, falsas ambições e desejos perversos. Enquanto os indivíduos servirem seus interesses pessoais, o bem comum será prejudicado. Nenhum indivíduo alcança o que deseja se os métodos empregados forem corruptos e imorais. Os soberanos deveriam usar sua sabedoria para a promoção do que é bom para todo o povo. A medida para sua majestade, felicidade, reputação e riquezas deve ser o que verdadeiramente faz dos grandes homens notáveis [...]. Nesta questão,

devem respeitar os seus cidadãos, a liberdade e acima de tudo, deve cuidar para que a paz floresça por toda parte (ERASMO, 2004, p. 181).

Chegamos ao cume do que, para o nosso autor é a Loucura em seu maior estado de felicidade e liberdade, esta se configura numa sabedoria. Vimos, pois, que não há repreensões, distorções ou lisonjeamentos por parte da fala da Loucura, pois “tem os loucos o privilégio de poder falar com toda a sinceridade e franqueza” e ainda “só se costuma defender a verdade quando não se é atingido por ela” (ERASMO, 1972, p. 64-65). Não seria isto o maior ato de liberdade? O falar franco cabe aos que vivem de acordo com a reflexão da Loucura.

Retomando a questão da filosofia de vida cristã, proposta por nosso autor e, esta que é o ápice das loucuras. Observa-se que aqueles aos quais foram dados beneficiarem-se da sabedoria da Loucura, que leva justamente ao caminho de felicidade, são os cristãos. De forma bem específica os que imitam a “ação louca” de Cristo, que chama todos ao bem comum cultivando as virtudes que são essenciais, principalmente a paz, que é a finalidade última de todos, pois:

Enquanto a paz for semeada fervorosamente, a sorte de todos os homens será acrescida. O contentamento do povo será mais produtivo e sua produtividade será melhor direcionada; e finalmente, todos deverão ser mais amorosos de maneira fraternal em relação ao seu companheiro, e acima de tudo, satisfazendo a Cristo, o que constitui a maior das felicidades (ERASMO, 2004, p. 190-191).

Assim reforçando tal ideia “quero provar que essa sabedoria tão gabada, e que enfaticamente se chama o baluarte da felicidade, só é acessível aos que são orientados pela loucura” (ERASMO, 1972, p. 51). Neste caso, o louco seria aquele que tende para a felicidade celeste, que lhe é o maior e mais proveitoso bem, conquistado pela Loucura que é o caminho de prudência, permeado pela felicidade e liberdade de sua condição humana.

3.2 O LOUCO E A FELICIDADE CELESTE²⁴

A maior bem aventurança é gozar da felicidade, nesta vida, nesta condição cotidiana de vivência social, política, religiosa e relacional. O louco é aquele que, conseguiu abstrair tudo o que lhe aproxima desta dádiva, é como se fosse um desprendimento de tudo o que é mal para buscar viver o bem maior, ou seja, viver a proposta evangélica de Cristo, pois estes “só sabem de uma coisa: que se acham felicíssimos no seu delírio” (ERASMO, 1972, p. 156).

“O Elogio Da Loucura”, traz para o centro questões que são fundamentais para o questionamento da vida. Através da Loucura, contradizem-se as más inclinações, a incapacidade dos líderes, o desprezo pela condição humana, o afastamento das instituições e de seus respectivos representantes daquilo que realmente lhes competem, enfim. Neste sentido, aos que foram iniciados no caminho da Loucura, estão seguros de que algo bom está reservado para eles, ou seja, a certeza de uma vida feliz, pois “nenhum homem pode viver feliz, sem ser iniciado nos mistérios da loucura e sem participar de seus favores” (ERASMO, 1972, p. 132).

Desta filosofia da Loucura, é interessante notar que vai se fundamentando num caráter teológico. Erasmo para falar daqueles que chegam a este nível tão elevado da Loucura, ressalta que nas próprias Sagradas Escrituras, aqueles que chegaram à felicidade celeste, são justamente os que aderiram à Loucura da cruz²⁵ como forma de vida, por isso dirá, “pois, bem: apoiarei, se julgais conveniente, ou, para exprimir-me teologicamente, fundarei o meu elogio no testemunho das Sagradas Escrituras” (ERASMO, 1972, p. 135).

Desta forma, percebe-se que a solidez do discurso se dá de maneira que, grandes personagens da bíblia se designaram como loucos, pois assim compreenderam o grande mistério que é viver a vida pautada nas virtudes e ações apresentadas pelo Mestre (Jesus Cristo). Assim, ninguém seria contrário ao dizer à

²⁴ Entendamos a felicidade celeste como o prêmio alcançado pelos cristãos ao final de sua vida, numa perspectiva da igreja católica, como a fé radicada na obediência a palavra de Deus e na vivência das virtudes de fé, esperança e caridade que lhe garante uma vida feliz capaz de resistir as intempéries do dia a dia. E aqui, colocada na obra de Erasmo de Rotterdam, reflete de maneira concreta sobre a sua Filosofia de Vida Cristã, que está arraigada na própria vivência de Cristo e seus apóstolos, e nisso Erasmo já determina que os adeptos da boa Loucura, são justamente os cristãos que desde a sua trajetória aqui na terra, já praticam e se deliciam daquilo que futuramente, ou seja, após a morte contemplarão.

²⁵ Loucura da cruz, é o mesmo que dizer que seguiram o exemplo de Jesus até as últimas consequências, que é justamente a morte de cruz.

Loucura, que os loucos possuem esta dádiva tão almejada, verdade que descortina toda a ação imbecil, demente e irreflexiva, assim “para evitar o escândalo que semelhante declaração poderia provocar, São Paulo chama-se louco, pois só os loucos têm o direito de dizer tudo sem risco de ofender alguém” (ERASMO, 1972, p. 139).

Nisto as pessoas, ou melhor dizendo, aqueles que percebendo sua condição de homens livres, filhos de Deus e, portanto, designados a contemplar o que de melhor poderia ser oferecido em vida, tomam para si aspectos que são parecidos aos da Loucura, neste sentido, nos diz:

Para vos falar novamente daqueles aos quais Deus, por um favor todo especial, concede a graça de gozar antecipadamente as delícias da beatitude, dir-vos-ei que são eles em número muito reduzido e que, além disso, estão sujeitos a certos sintomas que em muito se assemelham aos da loucura: suas palavras são desconexas e fora do uso humano, ou, mais claramente, não sabem o que dizem; sua fisionomia transforma-se a cada momento, e ora estão alegres, ora melancólicos; choram, riem, suspiram, numa palavra estão inteiramente fora de si (ERASMO, 1972, p. 156).

Este estar fora de si, caracteriza uma ação de suspensão sobrenatural, capacidade para seguir, em frente mesmo com os desafios de cada dia. É uma ação que, comparando a todo trajeto filosófico, leva os seres humanos a serem “contemplativos”, uma grande característica para poder viver em certas realidades, principalmente como as nossas contemporâneas²⁶. O homem que vive assim é capaz de atingir a sua grande meta, pois “quando não se achando em si mesmo, recebe uma inexprimível felicidade daquele supremo Bem que atrai tudo à Si” (ERASMO, 1972, p. 155).

A realidade por vezes é injusta. Seja com uma política corrupta e imprudente, seja uma religião que não visa o olhar com misericórdia para todo o gênero humano e, preocupada apenas com o dízimo mensal, incapaz de refletir sobre as imoralidades e absurdos que acontecem em seu meio. Ou, pensemos ainda com relações interesseiras e, por vezes, estelionatárias dos homens, enfim, todas estas situações retiram o homem do seu caminho de Loucura rumo a felicidade, por isso concordamos com Reale:

²⁶ Um anacronismo proposital, para referir-se ao contexto político, religioso e social em que vivem os homens.

O cúmulo dos cúmulos da Loucura é a felicidade celeste, própria de outra vida, mas da qual é dado, às vezes, perceber, já aqui na terra, o sabor e o perfume ao menos por breve momento. E estes, quando readquirem consciência, se convencem de um fato, ou seja, de haver tocado o cúmulo da felicidade todo o tempo que durou sua loucura. Por isso choram por terem sido devolvidos à consciência e não desejariam outra coisa senão ser, por toda a eternidade, loucos dessa forma (REALE, 2018, p. 68).

O ser humano da época de Erasmo, assim como o ser humano dos dias atuais, necessitaram e necessitam de experimentar um pouco de Humanismo ou Humanidade. Também de lhes serem devolvidos à sua condição humana, de se reconhecerem dignos de buscarem a felicidade e, compreenderem que têm dignidade para isso. Portanto, com base nesta Loucura, esta filosofia de vida cristã, deve-se levar em conta que “o prazer físico e o bom humor não conflitam com o cristianismo” (FERRARI, 2008, p. 15 *apud* FURTADO, 2013, p. 19), e sendo assim considerar que os iniciados nas virtudes da Loucura, prezam pela dignidade e felicidade dos seres humanos, portanto, a estes é dado um instrumento eficaz no exercício de humanização e de efetividade da verdade que é a Loucura, “por isso, sede sãos, aplaudi, vivei, bebei, ó celebérrimos iniciados nos mistérios da Loucura” (ERASMO, 1972, p. 157), pois isto é dádiva, ou seja, fazer da vida um palco e assim viver de forma plena todos os dias, sem imposições, incoerências ou tudo quanto mascare a realidade das instituições e relações humanas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O período Renascentista e, em virtude disto, o aspecto Humanista, apresentado por tantos autores, e de maneira muito particular, em Erasmo de Rotterdam, o “Príncipe dos Humanistas”, revela-se como um salto ou ainda um marco para aquela época. Ao deixar as formatações passadas da Idade Média e embarcar numa nova jornada de aprendizados, de experiências próprias deste período vigente e, ainda de colocar o homem como centro, necessariamente fulgura as preocupações pela dignidade humana, que é tão fundamental para o bom desempenho social. Nisto, Erasmo, ao redigir, “O Elogio Da Loucura”, proporciona uma reflexão muito importante para praticamente todos os campos dos saberes. Na filosofia, em seus questionamentos sobre a verdade, assim como a teologia, antes fundamentada somente nas estruturas aristotélicas-escolásticas de debates, e sem prática das virtudes cristãs. Também uma visão política mais ampla, que destroi de certa forma a tirania e dá voz as pessoas. Por fim, nas relações sociais diversas, pois o homem passa a viver segundo a perspectiva de uma felicidade celeste, gerada pela verdade que pauta sua vida.

“O Elogio Da Loucura”, nos parece, refletir uma ação própria do homem de em meio as situações adversas da vida, tomar como centro aquilo que é essencial, que traz um sentido a sua realidade, enquanto indivíduo livre. Isto se dá pelo fato de se colocar como um sujeito racional, que tende para a busca de uma vida intelectual, na qual nem tanto pelos prazeres carnis, ou pela forma irreflexiva de viver o fará atingir tal meta. Porém, baseando-se numa espécie de Loucura, esta que promove a virtude, a contemplação dos bens eternos, ele aja segundo aquilo que é mais necessário em seu caminho.

Pode-se perceber ainda que, ao buscar esta via da Loucura, o homem coloca-se numa posição de reflexão para aquilo que é supérfluo e que não garante a seguridade dos bens que já em vida ele poderá gozar. Poderia dizer que é uma vida de “tolo”, porém, provida de uma finalidade que é justamente a felicidade, diferente dos sábios e poderosos. Pois estes segundos, gastam todo o seu tempo debruçados sobre teorias e não se arriscam na experiência da Loucura, que consiste na busca de algo novo.

Nisto é importante ter uma visão de mundo, voltada a esta perspectiva de iniciativa, de experiências concretas com a vida, ou seja, de ação. A vida é o palco onde apresentamos todo o nosso espetáculo. Deve-se levar em consideração que tamanha proporção da verdade está contida na Loucura, visto que a felicidade não está em regras impostas, nem em padrões estabelecidos pelos ditos “normais”. Numa sociedade em que nem sempre tudo corresponde à veracidade das leis, ser louco tende a libertar-se e a ousar-se a ir além e assim conquistar aquilo que é mais importante, ou seja, o desejo de uma verdade que condiciona o indivíduo para a liberdade.

Há uma frase de Leandro Karnal em uma de suas palestras, que diz “Ser louco é a única possibilidade de ser sadio neste mundo doente” (KARNAL, 2015). Assim, fazendo um questionamento em relação à Loucura, proposta por Erasmo de Rotterdam, percebe-se que num contexto em que tudo está fora de lugar, onde os homens muitas vezes tendem para a irreflexão, para as degenerações e tantos outros males, como: as guerras, os assassinios, as corrupções na política e nas relações diversas. Também a uma filosofia que não gera reflexões e sim absolvição de pensamentos ou mesmo em crenças no sentido das religiões repletas de silogismos complexos e sem práticas das virtudes, a Loucura, seria como uma defesa de todas estas inclinações sem fundamento, pois, coloca o homem como um questionador, como alguém que investiga sua realidade e almeja por mudanças, em síntese a verdade da Loucura estaria na capacidade do indivíduo em ser livre para se expressar.

Depois desta pesquisa, levantamos uma hipótese, ou ainda chegamos a entender que nisto consiste “O Elogio Da Loucura”. Tudo aquilo que é contrário ao bem, a felicidade e ainda a dignidade humana deve ser questionado e ser levado a um grau de Loucura, no sentido de gerar um prazer e retirar os fardos penosos que os homens são submetidos. Sendo assim, esta Loucura gera uma felicidade, e não num sentido de ser passageira, ou que consista na apropriação de algo material, perecível. Mas, uma felicidade lograda pela busca da verdade, caracterizada pela prudência e, tendo em vista algo que, para Erasmo De Rotterdam, que disserta em sua obra, seria como que a felicidade celeste, onde estão os bens imutáveis. A Loucura, para os que buscam a dignidade humana, a liberdade, resultará sempre nesta via em que nenhuma submissão social, religiosa ou política é capaz de retirar ou obscurecer a verdade que está radicada na experiência da vida.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BERGSON, Henri. **O Riso: Ensaio sobre o significado do cômico**. Tradução de Maria Adriana Camargo Cappello. São Paulo: Edipro, 2020.
- BLAKE, Willian. **Proverbs of Hell**. England: Copyrighted Material, 1974.
- ERASMO. **A Educação Liberal**. Tradução de William Bottazzini Rezende. São Paulo: Kírión, 2020.
- ERASMO. **O Elogio da Loucura**. Tradução de Paulo M. De Oliveira. São Paulo: Abril Cultural, 1972. p. 7-157.
- COUTO, Rosângela Maria. Erasmo de Rotterdam: Elogio da Loucura - Um possível paradigma de Razão Humanizada adotado pela Tv globo em “você decide”. Tese (Mestrado em Engenharia) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 106, 2000. [Manuscrito]
- DOLAN, John Patrick. **A Filosofia de Erasmo de Roterdã**. Tradução de Fernanda Monteiro Dos Santos. São Paulo: Madras, 2004.
- FERREIRA, Evandro Affonso. **O Mendigo Que Sabia De Cor Os Adágios De Erasmo De Rotterdam**. Rio De Janeiro: Record, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**. Tradução de José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva S.A., 1972.
- FURTADO, Marcos Antônio. Elogio da loucura, de Erasmo de Rotterdam: As raízes do Humanismo. TCC (Letras)- Universidade Estadual Da Paraíba, Campina Grande, 2013. [Manuscrito]
- GARCÍA, Douglas. Filosofia e Literatura: Caminhos cruzados. **Revista Sísifo**, v. 1, n. 3, Feira De Santana- Ba, 2016.
- GARCÍA, Marcos Sáez. Filosofía y Humanismo en el Renacimiento. **Studia Aurea**, v. 3, n. 14, p. 887-894, Illes Balears, 2014.
- GODÍNEZ, Héctor Sevilla. Locura sublime – Indícios de vacuidade y espiritualidade crítica en Stultitiae Laus de Erasmo. **Revista de Filosofía Open Insight**, v. VIII, n. 13, enero/junio, 2017, pp. 45-70.
- HALKIN, Leon E. **Erasmo entre Nosotros**. Barcelona: Editorial Herder, 1995.
- KANTORSKI, Leonardo. O Conceito De Loucura Na Obra “Elogio Da Loucura” De Erasmo De Rotterdam. **Revista Eletrônica**, v. II, n. 7, Jul/Dez, 2010, pp. 240-249.

KARNAL, Leandro. **Ser louco é a única possibilidade de ser sadio nesse mundo doente.** Youtube, 20 de maio de 2015. Disponível em: <https://youtu.be/M3icM7lgixU>

LISPECTOR, Clarice. **A Descoberta do Mundo.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.

OELKER, Dieter. La locura nace en las Islas Afortunadas. **Atenea**, v. online, n. 492, Concepción, Chile, 2005. p. 11-30.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **Filosofia Idade Moderna.** Tradução de José Bortolini. São Paulo: Editora Paulus, 2018.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Do Humanismo a Descartes.** Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Editora Paulus, 2005.

RÓNAI, Paulo. **Dicionário Universal de Citações.** Tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 1985.